

Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR

Fundada em 1909

Preços por assinatura

Para os socios e subscritores da Academia de Estudos Livres:		Avulso:	
3 numeros	\$25	3 numeros	\$25
6 "	\$30	6 "	\$30
12 "	\$60	12 "	\$60

Numero avulso, \$10

SUMARIO

A comemoração de 25.^o aniversario da Academia de Estudos Livres pag. 331

Questões pedagógicas:
Ligas de bondade " 337

Relatorio da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal:
(Gerência da 1913-1914), pag. 341

Excursão a Paris em 1917..... " 389

Director, proprietario e editor—ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES (Universidade Popular)

Rua da Evolução, 63 (Psallete)—TELEFONE 4351—LISBOA

1915

IMPRENSA COMERCIAL

CALÇADA DO CALDAS, 26

LISBOA

ANAIIS

DA

Academia de Estudos Livres

1.ª SÉRIE

I	<i>O Ensino inicial de leitura</i> , conferência por J. Augusto Coelho	\$20 cent.
II	<i>O marinheiro português através da história</i> , conferência por V. Almeida d'Eça	\$20 "
III	<i>Da unidade de pensamento no ciclo das descobertas</i> , por Henrique Lopes de Mendonça	\$20 "
IV	<i>Uma excursão à serra da Arrabida</i> (esgotado).	
V	<i>O Castelo de Palmela</i> , (esgotado).	
VI	<i>Excursão no Tejo até ao canal de Azambuja</i> (2.ª edição).	\$10 "
VII	<i>Excursão à Fabrica de Cimento de Portland Artificial «Tejo», em Alhandra</i>	\$05 "
VIII	<i>Uma excursão a Santarém—Através da cidade—Lendas</i> , por João Arruda	\$20 "
IX	<i>Trí-centenário da publicação de D. Quixote</i> , conferência por Teófilo Braga	\$20 "
X	<i>No Bussaco (história, paisagem, descrições)</i> , por Cardoso Gonçalves	\$20 "
XI	<i>O Arquivo da Torre de Tombo</i> , contendo 219 paginas, illustrado com fotografuras dos principais codices illuminados	\$80 "
XII	<i>Spínosa—Conferencia</i> , por Teófilo Braga	\$20 "
XIII	<i>O Convento de Malta</i> , por Cardoso Gonçalves	\$10 "
XIV	<i>O Padre Joaquim Silvestre Serrão e a musica sacra portuguesa</i> , por Teófilo Braga	\$20 "

A MOCIDADE

FOLHA QUINZENAL

Publicadas 2 series (quasi esgotadas)

Cada serie de 10 numeros	\$50 cent.
Numero avulso	\$05 "

Quasquer obras publicadas por esta sociedade são enviadas *franco de porte* a quem remeter a sua importancia para a *Academia de Estudos Livres*—rua da Emenda, 58 (Palacete)—Lisboa.

ANAIS DA

Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR

Fundada em 1899

Director, proprietário e editor — ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES (Universidade Popular)

Rua da Escola, 53 (Palacota) — TELEFONE 4353 — LISBOA

Composição e impressão — IMPRENSA COMMERCIAL — Calçada do Galvão, 200 — LISBOA

2.^a SERIE

ABRIL A DEZEMBRO DE 1914

N.^o 11 E 12

A comemoração do 25.^o anniversario da Academia de Estudos Livres

Realizou-se em 1 de dezembro de 1914, na sala principal da Academia, a comemoração do seu 25.^o anniversario. Não foi possível dar á solenidade aquelle brilho, aquelle entusiasmo com que todos sonhavam: *sobre nós pairava a imagem sinistra da Guerra!*

Não pode haver alegria quando tamanha desgraça cêe sobre a Humanidade...

Damos a seguir tres documentos que devem ficar perpetuados nas paginas dos Anais: os discursos que proferiram a sr.^a D. Ana de Castro Osorio e o nosso colega da direcção Cardoso Gonçalves, e o programma do concerto musical, executado brilhantemente pelos nossos professores. Desejamos tambem referir-nos á valiosissima colaboração que nos ofereceram, recitando poesias, a aluna sr.^a D. Sára Correia Alves e o distintissimo actor sr. Antonio Pinheiro e agradecer a todas as agremiações amigas que corresponderam ao convite, assistindo ao acto ou esderreçando-nos felicitações.

Fala a sr.^a D. Ana de Castro Osorio — «A mulher e a guerra»

MEUS SENHORES,
MINHAS SENHORAS:

Quando em tempos de paz — em tempos que não vão longe e tão afastados já nos parecem! — nós, as mulheres, reclamavamos em nome da Justiça e do Direito que nos considerassem seres, civica e legalmente iguais aos homens, os adversarios do progresso das ideias alegavam: que a mulher não podia reclamar direitos

políticos visto não ser chamada ao serviço militar. Isto, havendo países, como a Inglaterra, em que o serviço militar não é obrigatorio e havendo países, como o nosso, em que os soldados não têm voto.

Depois, por um concurso de circumstancias, de crimes e de ambições desenfreadas, de que a mulher não tem directa responsabilidade, a guerra declara-se com uma violencia, uma crueza, uma injustiça que a humanidade nunca experimentou, nem nos seus dias de mais torvo delirio.

A guerra, de que uns duvidavam até ao ultimo instante e de que outros falavam inconscientemente, sem lhe chegar a prever o horror, desencadeou-se sobre a Europa e o mesmo quer dizer sobre o mundo, porque o predomínio da civilização europeia estende-se já hoje a toda a terra, não escapando á sua influencia as velhas civilizações orientais, que tão difficilmente se convenceram da nossa superioridade actual, como os mais ignorados povos da misteriosa Africa ou as jovens sociedades da America e da Oceania.

E agora o mundo pôde vêr com assombro como a mulher, a desprezada mulher, que não é digna de ter direitos civicos e politicos, põe de parte todos os seus interesses, esquece todas as injustiças de que tem sido victima e tem só um pensar, tem um unico sentir em todos os países: estar ao lado dos homens da sua raça, defender os direitos da sua patria, pôr o seu trabalho ao serviço dos que lutam e sofrem.

A mulher, que não é soldado nem responsavel pela loucura bélica que atacou a Alemanha, arrastando para o abismo o mundo inteiro, não é decerto quem menos tem sofrido nestas horas tragicas que a humanidade tem vivido. Nem será ela, por certo, quem menos ha de sofrer as consequencias do terrivel conflito, que deixará baralhadas e confundidas todas as ideias do passado.

Mas no meio de tanta confusão e tanta luta o papel que a mulher representa na actual conjuntura ha de resaltar em todos os países, como um traço de flagrante belêsa e ha de impressionar e fazer reflectir os que estudam desapaixonadamente os factos, porque pela acção da mulher se pôde conhecer a orientação moral dos povos.

Sobre o que tenha sido na Alemanha e na Austria a acção directá da mulher pouco sabemos aqui, visto que nem credito já

damos ás noticias por elas espalhadas. No entanto podemos afirmar que desde a primeira hora de luta o trabalho feminino foi organizado e todas as mulheres da Alemanha se pizeram ao serviço para fornecer agasalhos aos seus soldados. As que podiam dispensar o salario deram o seu trabalho voluntariamente, outras acrescentaram-lhe o dinheiro necessario para a compra de lã e fazendas e organizaram as oficinas de modo a pagar um pequeno salario ás que não tinham meios para sem ele poder viver.

As mulheres alemãs trabalham assim pelo que elas julgam ser a honra da Patria, enganadas como todos os seus compatriotas pelas mentiras do imperialismo, iludidas na sua propria consciencia por meio seculo de cultura microbiana do orgulho nacional e desprezo dos outros povos e raças. E é por este motivo que nunca foi mais exacta a ideia simplista do povo, quando na hora presente diz dum qualquer individuo, por menos que ele tenha responsabilidades na guerra: — E' alemão e bonda!

Não é a raça, não é o povo verdadeiramente em sua materia plastica o responsavel do crime actual, mas é-o, sem dũvida, a cultura propositada da vaidade e do orgulho nacionais, que em duas gerações de educação e instrução disciplinadas e orientadas para o mesmo fito produziu o aborto que é necessario exterminar para que ele nos não devore, como nos contos maravilhosos succede aos monstros de sete cabeças, que se alimentam da belésa e da inocencia.

O facto que constatavamos ha muito — de que no fundo todo o alemão, homem ou mulher, sentia o mesmo desprezo pelas outras raças, julgando-se de essencia superior e destinado a ser o dirigente do mundo, pelo menos sob o ponto de vista intelectual — podia não ter sido um perigo, como foi, se tivesse encontrado resistencia nos individuos das outras raças, se tivesse esbarrado com condições e orgulhos que se não deixassem absorver, se eles vissem cada qual amar as superioridades que todos nós temos, individuos como povos.

E no entanto, se é verdade o que os jornais conseguem saber e espalhar sobre o que se passa na Alemanha no actual momento, foi ainda uma mulher, Rosa Luxemburgo, a unica consciencia que se libertou da mentira convencional que desvaizou o pais e a unica que falou claro e está sofrendo porque o fez.

Será verdade? Será mentira? Sobre o que se passa hoje na alma germanica pouco podemos conjecturar, e muito menos comprehender, tão diversos são os factores que actuam sobre nós, gente de raça e cultura latina, sempre ardendo na ansia da verdade e da justiça.

Mas tratando da mulher na guerra actual, podemos acaso esquecer as belgas, defendendo a sua terra, essa terra que é tão sua pelo amor com que elas, as mulheres agricultoras, as jardineiras, as industriais, a tinham feito a obra de carinho e de amor que era o orgulho e o exemplo da civilização moderna!

Haverá quem no actual momento sofra angustias iguais ás dessas mulheres expulsas das suas casas, fugidas da Patria que não é mais do que um montão de ruínas pisadas com orgulho pelos odiosos conquistadores, vendo morrer os seus homens e assassinar os velhos e as crianças sem que lhes seja permitido um gesto de defesa, porque o pegar em armas os não beligerantes ainda acarretaria sobre a devastada terra da Patria maior soma de vinganças e iniquidades!

Tambem da Belgica, afóra a acção da rainha e das senhoras que trabalham nas ambulancias e nas obras de assistencia, pouco podemos aqui saber, porque os que sofrem as violencias de um tufão só mais tarde, refeitos do horror da hora violenta e injusta, podem pesar a extensão da sua desventura e conhecer o que dentro do meio em que se encontrou pôde fazer pela defesa da sua propria existencia como pelo auxilio dos seus semelhantes.

O que tenha sido a acção da mulher belga neste momento só mais tarde o poderemos bem avaliar; hoje apenas sabemos que em qualquer parte que se encontre está trabalhando pelo seu pais, está cuidando nos homens que se encarregaram de reaver a sua Patria, de reconquistar os seus lares, de reatar o fio das suas existencias truceadas

Da mulher inglesa sabemos nós mais detalhadamente o que tem sido a sua bela participação na guerra. Aos primeiros rumores, quando mais acêsa ia a luta pela conquista dos direitos politicos, que na logica do seu temperamento, dos costumes e tradições do seu pais, as inglesas reclamavam com uma violencia que profundamente afecta e surpreende a mentalidade latina, vimos como elas, as corajosas e intransigentes lutadoras, deposeram

imediatamente as armas, e nos partidos mais avançados como nos meios mais conservadores não houve outra coisa que não fossem cidadãs, isto é: criaturas cheias de desinteresse e dedicação, prontas a trabalhar e auxiliar os homens na tremenda conjuntura que se não sabe ainda até onde arrastará o seu país.

E assim aquelas mulheres, que ainda ontem se encontravam em luta com uma sociedade que teima em vêr sexos onde só deviam existir seres humanos, apresentam-se para o trabalho com uma dedicação e um entusiasmo que faz calar todos os adversários. Não só criam e auxiliam as comissões que tratam dos abafos para os soldados como propagam as obras de auxilio aos refugiados belgas e fundam oficinas de costura e escolas domesticas para dar trabalho ás desempregadas. Organizados pela União Sufragista instalaram-se dois hospitais, um na Belgica e outro na Servia.

As sufragistas, essas terriveis sufragistas de que os homens portugueses falavam como de monstros que os ameaçassem devorar, tem desenvolvido neste momento uma extraordinaria actividade para atenuar os males da guerra masculina e tiveram esta ideia linda, de uma delicadeza cheia de ternura maternal: abrir exposições de artigos de vestuarios infantis feitos de roupas usadas que os mais ricos cedem para serem transformadas para os pobres.

Não se contentando com as obras de assistencia material ainda a União instituiu um corpo de senhoras vigilantes que não deixam as raparigas abandonadas aos perigos morais que traz a guerra, ensinando-lhes o caminho a seguir dentro dos limites da maior dignidade, sem deixarem de prestar o seu auxilio aos soldados. São elas ainda que ensinam aos que vão partir para França um pouco de francês, que tão util lhes será quando chegar o momento de se encontrarem no verdadeiro teatro da guerra.

Pensam em tudo, com aquela calma e aquela energia tão propria da sua raça, e que tem os mesmos caracteristicos nos dois sexos! Pois até nesta hora de angustia não se esquece a Aliança Internacional de procurar socorros ás mulheres inglesas consideradas estrangeiras por estarem casadas com homens de outros países, tratando de lhes conseguir trabalho remunerado e facilitando ás viúvas a reentrada para a nacionalidade inglesa, perdida pelo casamento com estrangeiros.

E que diremos das mulheres da França, dessas admiraveis e

encantadoras mulheres francesas, que teem dentro das suas almas sempre vivo o fogo sagrado dos deuses lares? Elas, que não sendo soldados, orgulhosamente reclamam o direito de servir a Patria, substituindo os que a estão a defender em todos os empregos civis, cultivando a terra, continuando o commercio e a industria, organisando os socorros, dirigindo o trabalho, sendo as enfermeiras sollicitas que todo o mundo hoje admira, sendo ás vezes o unico traço de união entre os que se batem e as familias.

As mulheres na França, deserta de homens, representam a continuidade da vida social e preparam-na para a reconstituição futura.

Que sejam enfermeiras, que trabalhem na costura e nas malhas, que cultivem os campos, que guardem os seus lares ameaçados de ruina e de morte, que olhem pelas crianças, que agasalhem os foragidos, que ponham a calma e a disciplina na confusão geral, a sua obra é imensa e ha de merecer a gratidão do povo.

A mulher francesa tem revelado nesta crise da sua vida nacional uma energia, uma calma, um civismo que achamos naturalissimo o facto de uma senhora assumir o lugar do *maire*, que se retirou no momento difficil da occupação alemã. Tambem não nos admira nada ver a mulher do presidente da Republica tomar com a maior naturalidade o encargo da enfermagem num hospital de Bordeus, como achamos naturalissima toda a sua dedicação, a sua generosidade, o seu trabalho sem descanso!

E' que um pais, meus senhores, vale o que valem as suas mulheres, e se grandes defeitos tem a França ela tem acima de todas as qualidades uma que a torna invencivel, que é a alma valorosa, a alma heroica da sua mulher!

Pode-se destruir materialmente um pais, pode-se enche-lo de soldados inimigos, arrasar com metralhadoras, arruinar e aniquillar tudo quanto representa a vida material e economica de uma sociedade, mas nunca se pode suprimir um povo enquanto uma mulher exista que guarde dentro do coração o sagrado amor da sua raça, as tradições que são o passado, a fé que é o futuro!

Tanto isto é a verdade que deante dos nossos olhos temos o exemplo nessa infortunada Polonia, que nesta hora escuta um hino de esperanza e que nunca considerámos morta porque a viamos cada vez mais viva no coração das suas mulheres.

Não! Não ha povos que morram quando as suas mulheres

teem a nitida compreensão do seu lugar na sociedade: papel de educadoras e orientadoras e sobretudo de guardas e fixadoras das qualidades da sua raça.

Referindo-me agora em especial ao nosso país, confesso, meus senhores, que sou daqueles espiritos que na propria resistencia encontram elementos para acreditar sem desânimo na obra do futuro.

Quando todos desanimam vendo o muito que ha a fazer e o que para remediar o mal pode representar a boa vontade de poucos, eu tenho uma fé inabalavel no futuro da Patria portugueza, porque tenho uma absoluta confiança nas qualidades psicicas da sua mulher.

Desorientada pela falsa educação que tem recebido, mal preparada civicamente pela acção desnacionalisadora de alguns elementos estranhos, e sofrendo tambem um pouco do excessivo cosmopolitismo dos homens, a mulher portugueza não deixa nunca de ser para mim aquela que, atravez da historia, nem um só momento atraçou a sua missão social de defensora da honra e das qualidades do nosso sangue.

Quando todos já descreiam, e até se riam das minhas illusões, ao ver essas criaturinhas fiteis e imbecis que de portuguezas nem sequer conservam a lingua, e que imaginam representar a maioria feminina no nosso país, porque são as que mais se pavoneiam e dão nas vistas, eu mantinha a minha fé inabalavel na grande, na verdadeira alma feminina portugueza.

Se essas pobres criaturitas que se empinam nos tacões á Luis XV para nos dar a impressão de uma grandesa aristocratica e germanofila, que o snobismo impõe, fossem as representantes da mulher portugueza deviamos considerar como os representantes masculinos os seus interessantes pares, toda essa floração doentia de uma arvore que dá por desfastio os ultimos rebentos, antes de cair para não mais se levantar.

Não, meus senhores! A mulher em Portugal é hoje o que sempre foi: a mãe heroica do alcaide de Trancoso, prevenindo-o de que deixaria de ser seu filho se entregasse o castelo da sua guarda aos castelhanos; as mulheres de 1640, conspirando pela libertação da Patria e dando-lhe os filhos como penhor; as mulheres de Diu; as mulheres de Pernambuco, dentre as quais se salientou D. Maria de Sousa mandando os seus filhos, um por um,

para a defesa da cidade, até que chegasse a vez dos ultimos, que tinham 14 e 12 annos!

E tantos, tantos exemplos que longo seria enumerar!

As mulheres de Portugal! . . . Mas quem pôde jámais duvidar das grandes virtudes femininas de uma raça que em quatro seculos de emigração persistente dos homens conseguia manter as suas qualidades étnicas, conservar as tradições, firmar a lingua, cultivar a terra, manter a independencia, lutar pela liberdade, progredir sempre e levar a toda a parte o amor da sua Patria?!

Duvidar das qualidades da mulher portuguesa, como patriota, seria abdicar do direito á nossa existencia de povo livre e autónomo. Faze-lo seria um suicidio moral que não está na logica do nosso destino.

A mulher do nosso país vale tanto, se não mais, que a dos outros em que a sua acção se tem manifestado mais utilmente; e se não tem feito já tudo quanto pode e ha de fazer a culpa não a tem ela!

Assim a tem educado, assim a tem querido e a tem mantido, despresando-a como factor social e progressivo, que não pode nem deve deixar de ser.

Quem em Portugal se tem importado com a educação, instrução e orientação da mulher em frente das novas exigencias da vida moderna?!

Na monarchia todos sabem o que a mulher representava como instrumento de retrocesso nas mãos habéis dos dirigentes espirituais, chegando um momento em que o perigo se afigurou tão grande que os republicanos foram os primeiros a pedir ás mulheres libertadas dessas influencias nocivas para que os auxiliassem na campanha patriótica.

O que foi a nossa acção nesse momento todos mais ou menos sabem. Foi má? foi boa? A historia é que mais tarde ha de falar.

Triunfando a Republica, os homens educados pelas ideias e pelos preconceitos do velho tempo, embora talvez quizessem, não se poderam libertar do meio opressivo em que tinham vivido.

A mulher foi posta de parte como factor inútil na renovação social e houve até quem publicamente dissesse que «era necessario fechar á mulher a torneira da instrução»!

Outros a declararam incapaz de exercer direitos politicos e civis por incompetencia e imbecilidade; outros . . . nem vale a pena

rememorar nesta hora o que de triste se tem passado na sociedade portuguesa sob o ponto de vista da educação feminina.

É a mulher calada, impassível, indiferente, parecia deixar correr sem interesse uma vida social de que não fazia parte.

Quando há ano e meio, vindo do Brasil, aqui passei tres mêses tive occasião de fazer uma conferencia preconizando como uma das reformas mais urgentes a criação de cursos agrícolas para as mulheres e pedindo a estas todo o interesse pela terra, que tanto ou mais do que aos homens nos pertence.

Mas que influencia pode ter a voz de uma mulher que se encontra só a lutar por uma ideia que a ninguém mais interessa?

Hoje, felizmente, já são os homens a dar-me razão e a conferencia ha tempos feita pelo sr. Joaquim Rasteiro, sobre a mulher na agricultura, encheu-me de esperanza de que alguma coisa se venha a fazer neste sentido.

Que a mulher se convença de que é esse o seu dever, pois a vida de um país não pode nem deve ficar paralisada pela sahida dos homens que forem cumprir o seu dever defendendo a integridade da Patria, seja onde fôr.

Nos primeiros momentos de surpresa, quando se falou da nossa participação na guerra, vimos com mágua uma certa desorientação nas ideias e sentimentos de occasião.

Nunca duvidando da grandesa moral da mulher da nossa raça, podemos ter o orgulho de dizer que ela não é hoje menos do que foi ontem e não é menos dedicada, não é menos amante da sua Patria do que qualquer outra dos países em que mais se tem distinguido.

Na campanha em que nos empenbâmos, numa pequena comissão que tem só um lema — *Pela Patria* — e uma só ambição: interessar a alma da mulher e por ela despertar em todo o país o fogo sagrado que a falta de educação civica ia amortecendo, temos constatado os tesouros de entusiasmo e de amor que em si guarda a mulher do nosso país!

Digam embora alguns homens que o nosso esforço é mesquinho, que o trabalho da mulher nada vale!... Para nós ele vale tudo porque representa o culto pela nossa terra, o orgulho da nossa raça, a fé no nosso futuro.

A mulher, trabalhando em casa para os soldados que forem

para a guerra da Europa ou para o maior conforto dos que forem na Africa defender a nossa terra, trabalha sem saber numa grande obra de moralisação, numa grande obra do futuro, erguendo no coração das crianças um altar á Patria.

Todos nós sabemos que filosoficamente a ideia da Patria é um preconceito de que certos espiritos superiores se julgavam libertados, mas os factos são superiores ás ideias e eles mostram-nos como o instinto é superior á razão nas ocasiões supremas! E' o instinto da conservação que nos individualisa mas é ele tambem que, alargando a noção da nossa individualidade, nos agrupa na familia e mais tarde nos dá a noção da Patria! E é tão forte essa razão de ser que todas as filosofias e todas as religiões são vencidas, encontrando-se homens das mesmas crenças combatendo como inimigos pela defesa da ideia que nesta hora sobreleva a todas: a da defesa das patrias, a da resistencia aos que querem subjugar as nossas almas, esmagar a nossa raça, destruir a civilisação latina de que fazemos parte.

A mulher portugueza, que já foi no seculo XVI a mais culta da Europa, acorda neste momento para a consciencia dos seus deveres civicos e está connosco desinteressada e apaixonadamente.

Comovê-los-ia, meus senhores, se neste momento me fosse possivel lêr-lhes centenas de cartas que de todo o pais nos teem escrito mulheres de todas as classes, de todas as idades, oferecendo o seu trabalho e mostrando a sua fé nos soldados portugueses!

Poucas teem a triste coragem de se recusar, nesta hora, a cooperar connosco numa obra que acima de tudo é um trabalho para o futuro! Poucas, bem poucas, felizmente! e essas são as que da vida só teem uma triste noção de egoismo, que as torna valores despreziveis na riqueza moral da nação.

Meus senhores e minhas senhoras: ao terminar estas simples palavras, que só têm o merito da verdade, eu apenas lhes posso dizer que me sinto feliz porque creio, mais do que nunca, nos altos destinos da minha Patria e da minha raça, tendo uma fé absoluta nas mulheres do meu pais!

Não ha pequenos povos quando ha grandes mulheres e sobretudo quando essas mulheres sabem ser mães como as nossas!

Fala o sr. Cardoso Gonçalves

MINHAS SENHORAS,
MEUS SENHORES:

Completa neste momento um quarto de século de existência a Academia de Estudos Livres. Para chegar ao estado relativamente próspero de hoje atravessou dias difíceis. Vós todos podeis imaginar quanto esforço é preciso dispendir para forçar *as muralhas da China* da indiferença; quanta dedicação e perseverança, para vencer a batalha! Mas, enfim, conseguimos dobrar este cabo tormentoso e chegar ao porto, que se nos afigura seguro.

Cumpre-me, por isso, como primeiro dever, saudar os amigos que nos auxiliaram na empresa e agradecer-lhes a boa vontade com que nos acompanharam sempre. Para vós, minhas senhoras e meus senhores, vai toda a gratidão da Academia de Estudos Livres, porque sem a vossa solidariedade ela não poderia ter cumprido a sua missão.

Seria grande o nosso contentamento se podessemos conseguir neste dia aquilo que sonhámos tanto tempo. O 25.º aniversário da Academia de Estudos Livres visionávamo-lo festivo, cheio de pompa, de entusiasmo, de alegria, aureolado, senhoras minhas, pela gentileza do vosso sorriso. Mas nada disto pôde hoje existir nesta casa. Nem as galas, nem a alegria, nem o sorriso da mulher, conseguirão desfazer do nosso espírito a visão de horror da guerra mais terrível, mais sanguinosa de quantas tem assolado a face da terra. Quem sabe até se, dentro em pouco, as harmonias divinas da música nos parecerão os ais das esposas, das mães, das filhas que no campo da luta perderam entes queridos!

E' por isso que do nosso vocabulário vai ser riscada a palavra — *festa*. Não. Nós não poderemos fazer uma festa enquanto no mundo não reinar a paz fecunda. Cale-se o som cavo e sinistro do canhão, para que a nossa alma possa expandir-se livremente, amorosamente. Até lá . . . preparemo-nos.

Sem querer fui arrastado para o tema, para a preocupação de todos os dias. Está em perigo a civilização latina. Está talvez

em perigo a nossa patria. Urge que nos unamos todos, como um só homem e numa só vontade . . .

Vede como a visão terrivel nos empolga e nos subjuga. Nem neste momento solene podemos afastar a sinistra ideia . . . A Academia de Estudos Livres começou a viver no periodo terrivel em que o *ultimatum* e a revolução do Porto de 1891 vincaram na historia patria momentos dolorosos de sobresalto, de indignação e de esperança; e celebra as suas *bodas de prata* (deixai-me falar assim) quando uma crise tremenda ameaça subverter a obra de civilização de tantos seculos!

Mas temos de nos resignar, encarando a situação com a serenidade dos homens fortes, que por si teem a razão e a justiça. *A nossa guerra* é puramente defensiva. Não queremos a supremacia exclusivista da raça, mas que ela — com as suas instituições, a sua arte, a sua industria, o seu commercio — tenha um lugar á luz bendita do sol. *A nossa luta* é contra a reação que quer deformar o genio latino, amoldando-o a uma mentalidade que não pôde compreender. Eis tudo! Não me indigna tanto a arrogancia de um kaiser como a dos homens de letras, dos sabios e dos artistas, que eu aprendera a amar pelos seus superiores trabalhos e que se me apresentam agora revelando, na sua resposta ao protesto dos intellectuais de todo o mundo contra a inutil e criminosa destruição da catedral de Reims, revelando, repito, uma moralidade baixa, incompativel com o ideal superior da civilização moderna.

Eu disse que o nosso dever era encarar a situação com serenidade. De facto, de que servem discussões apaixonadas e escusadas diatribes quando a patria nos chama ao campo da batalha, onde irão sacrificar-se talvez os nossos filhos e os nossos irmãos? De que servem?

A luta de hoje era já prevista. Quem tivesse tido a curiosidade de folhear os livros escritos sobre a Alemanha, quem lesse os trabalhos dos seus escritores, quem conhecesse a obra dos seus filosofos poderia prever o desenlace fatal. No principio do seculo XIX a Alemanha era um pais pobre, de 25 milhões de habitantes. Hoje possui 65 a 70 milhões! A sua industria é colossal, a marinha mercante cresce de ano para ano, rivalizando com a inglesa,

subalternizando todas as outras. O desenvolvimento da navegação havia de trazer forçosamente o desenvolvimento da marinha de guerra. Todos nós assistimos, até aos últimos tempos, á luta titânica travada principalmente entre a Alemanha e a Inglaterra *pela supremacia do Mar*. Em cada ano as despesas militares subiam fantasticamente. Onde iríamos parar? A' guerra! Dentro da Alemanha existia uma forte corrente imperialista. Demonstrou-se este facto na unanimidade de vistas que ligou o Kaiser e todos os partidos, incluindo a Social Democracia, o fortissimo partido socialista que era a esperança do proletariado universal, no mesmo sentimento patriótico, a quando da declaração da guerra. Era um facto a hegemonia da Prussia sobre todos os estados da Confederação, da Prussia do militarismo despotico, da Prussia violenta e sanguinaria.

Na força que nos dá a indignação pelos crimes do inimigo temos chegado ao extremo de negar-lhe a superioridade da cultura, o espirito scientifico e artistico. Não vamos tão longe que cometeríamos uma injustiça. É uma realidade a cultura alemã. É uma realidade que eles constituem, com outros povos do norte, uma modalidade de civilização que convem conservar, tão brilhante e tão original se afirma.

Mas tudo isto está subordinado a processos mentais, digamos assim, defeituosos e anormais. Como é, com efeito, que um homem de sciencia alemão pôde levar as investigações scientificas até o ultimo limite, até á mais atrevida e ousada generalização e como é que esse homem superior pôde venerar no seu Kaiser, pôde encontrar nele consubstanciada a ideia mais pura da patria, a encarnação mesmo da patria? Como lhe pode attribuir, a esse megalomano coroado, attributos divinos, que as religiões só encontram nos seres predestinados por Deus? Por outras palavras: como pôde o sabio alemão, que seja o tipo mais elevado da sua raça, conciliar a fé religiosa e a sciencia? Ver no Kaiser um ser divino? É que a mentalidade germanica tem características especiais que nós outros, latinos, mal podemos conceber. O cerebro do alemão como que é dividido em dois compartimentos (perdõem-me a pouco rigorosa comparação). Num reside o espirito scientifico, que o sabio emprega sem quaisquer preocupações de relação. No outro reside o espirito místico da raça, elevando-se por

generalizações até à ideia puramente religiosa. Na pratica o alemão não confunde o saber com o idealismo, não procura encontrar relações entre estes dois principios antagonicos.

Nós, todos o sabem, somos incapazes de fazer sciencia sem que procuremos logo explicar por ela o que á fé religiosa (para os religiosos, já se vé) só é licito atingir; não nos encontramos perante um dogma sem que o discutamos em nome da Razão. O nosso homem de sciencia será, por assim dizer, *areligioso*. Por isso, o nosso fanatismo por uma ideia terá sempre no fundo uma base racionalista. Discutimos um homem, apaixonamo-nos pela sua obra: mas nunca chegaremos a divinisé-lo, como os alemães divinizarão o seu Kaiser. A nossa *mentalidade* tem, portanto, um aspecto muito diverso da *mentalidade alemã*. Nós discutimos, agitamo-nos, revoltamo-nos; eles, idealistas, submetem-se a uma disciplina de ferro, para realizarem o seu ideal religioso: *a maior Alemanha*. Mas esta vesúnia, mas esta aberração não causaria prejuizos de maior se não existisse uma classe militar, superiormente educada não haja duvida, mas profundamente intolerante, profundamente *egotista*. Esta intolerancia penetra o character nacional, imprime-lhe um *facies* que o distingue do inglês, como de todos os outros povos aliás.

São estas, me parece, as bases psicologicas do tremendo conflito europeu. Como é possível, pois, encontrar outra solução que não seja a dos canhões, a dos exercitos chocando-se e trucidando-se?

A loucura da Alemanha vai tão longe que a leva a declarar que os compromissos de honra, constantes de tratados internacionais, são *papeis sem valor!* A Belgica mutilada, espedinhada e destruida a ferro e a fogo, á heroica Belgica, onde as maravilhas de Arte se estadeavam tão belas, tão raras, á aflita e martirisada Belgica, victima do seu dever, o teutão não dirige palavras consoladoras mas de rancor: *«Tiveste a sorte que merecias! Porque não me deixaste passar livremente? Quanto não havias de ganhar! Agora sofre... e morre.»* Outra coisa não querem dizer os intellectuais, os super-homens da Alemanha, no seu celebre contra-protesto, quando se referem á accusação de ter a sua patria cometido um abominavel crime, sacrificando a pobre Belgica ao seu descompassado apetite de dominio universal. Faltasse o desgraçado

país à sua palavra, deixasse esmagar imediatamente a França, para que do gênio francês nada ficasse sobre a terra, para que da civilização latina nada ficasse de pé; cometesse a Belgica esta infâmia que nada deixaria de ter depois: a amizade do invasor, a riqueza, o poderio... E' este o sentir dos intellectuais alemães!... E entre eles está Hauptman, o prodigioso analista do caracter humano, o grande artista das *Almas solitarias*; está Haeckel, o patriarca do *monismo*, o livre pensador de renome universal; estão tantos outros homens de elevada envergadura... Como não pensar então num caso de loucura colectiva?

Senhoras e senhores:

Tenho de terminar este breve arrazoado, porque de fôrma alguma desejo concorrer para deslustrar a solenidade.

E terminando devo regressar ao assunto principal, á Academia de Estudos Livres, que hoje promove a primeira reunião dos seus amigos na nova séde. Dirijo-lhes, repito, em nome da direcção, as mais cordeais e affectuosas saudações.

Aqui nos reúne hoje o mesmo alto pensamento de solidariedade, de amor por uma obra, que é de todos sem excepção. Infelizmente o momento não é de alegria, mas de tristeza. O nosso Portugal vai entrar talvez na fase mais decisiva da sua existencia secular. Nunca estivemos tão á beira do abismo, mas nunca estivemos tambem tão proximos de uma nova Renascença, que ha de rivalisar, creio eu, com a época mais brilhante da nossa historia. Alente-nos esta esperança e não percamos a serenidade dos fortes. Vão-nos ser impostos tremendos sacrificios: aceitemo-los confiados em que legaremos ás gerações vindouras uma época de paz e de prosperidade. Um Portugal novo, um Portugal maior, podemos-lo fazer se soubermos ter fé e perseverança. Um povo não morre quando possui uma vontade e um ideal...

Que se dirija agora o nosso pensamento para os que vão partir para longinquas terras. Entre eles vai tambem, desculpai a confidencia, um medico militar, que teve de sujeitar-se a uma melindrosa operação a fim de se preparar para a luta, a fim de não correr o perigo de se ver regeitado, quando queria cumprir simplesmente o seu dever. E' dos nossos, é desta casa, é da sua

direcção. Este singelo e eloquente exemplo de coragem moral enche-nos de orgulho. Os portuguezes são desta tempera. Aquele deixa sua esposa, os seus filhos, os seus amigos e vai exercer longe, á margem de tremendos perigos, a sua nobre profissão. Mas quantos dentre esses que em pouco atravessarão as ruas da cidade, caminho dos cais de embarque, quantos irão com os mesmos elevados sentimentos, com o mesmo desprendimento pela vida, com o mesmo amor pela Patria?

Quantos?! Todos... porque são portuguezes!

Acompanhai-me senhoras e senhores, no mesmo voto de boa viagem aos que vão partir para a guerra! Atapei-lhes de flores o caminho; dai-lhes a graça do vosso sorriso, oh! mulheres portuguezas. Recalcai no fundo da vossa alma as lagrimas teimosas e encorajai os que partem com a vossa fé e a vossa esperança, fé de que voltarão victoriosos, esperança de que hão de honrar o nome da nossa querida Patria!

O programa da scclenidade

1.^a parte — *Sessão comemorativa.*

2.^a parte — *Sarau literario-musical.*

Recitação de poesias pela aluna sr.^a D. Sara Correia Alves e pelo sr. Antonio Pinheiro.

Concerto musical pelo sexteto:

- I — *Trio de Haydn*, primeiro andamento.
- II — *Sarabande de Bach*, quinteto de cordas.
- III — *Suite de Bizet*, segundo andamento.
- IV — *Trio de Bériot*, primeiro andamento.
- V — *Trio de Bériot*, terceiro andamento.
- VI — *Marcha nupcial de Mendelschn.*

Executantes foram as sr.^{as} D. Aida de Freitas, D. Eulalia Gonçalves Pais e D. Irene de Freitas e os srs. Antonio da Silveira Pais, José da Piedade Junior e Francisco Antonio Ventura.

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

Ligas de bondade

Nas nossas escolas primarias ha certamente uma grave questão a resolver: a da *educação moral*.

Como deve fazer-se essa educação?

Doutrinando as creanças sobre os chamados principios moraes, expondo-os sob uma fórmula abstracta e desviada da pratica da vida? ou empregando processos indirectos, que interessem as creanças e as determinem á acção constructiva?

Parece-nos que não poderá hesitar-se sobre o caminho a seguir: o segundo processo é, para nós, o unico racional, o unico recomendavel. Raras vezes a predica terá effeito apreciavel na alma infantil, toda preocupada com a *observação* e a *experiencia* concretas.

A questão preocupa seriamente todos os educadores, desejosos de crear a escola laica. O problema vai porém successivamente solucionando-se, mercê das *invenções pedagogicas* que todos os dias apparecem relatadas nas revistas de educação.

Na revista *Les documents du progrès* encontrámos um artigo interessante, registando uma dessas invenções — as *Ligas de bondade*. O artigo é assinado por Marylia Markovitch.

Vamos procurar resumir-lo:

.....
Poder-se-á considerar a bondade como base da moral? Jean Finot afirma-o nestas palavras: *todos os sistemas de moral contemporanea encontram a sua definitiva expressão no principio da bondade*.

A moral humana resume-se em deveres de justiça e em deveres de caridade. Mas que é a caridade senão uma prova de bondade e que seria a justiça cega sem esta virtude? A bondade oferece pois á moral uma base solida. Tem ainda o duplo merito de estar ao alcance da creança e de permitir-lhe traduzir os

sentimentos do coração por actos relacionados com a sua curta idade. A bondade, enfim, inicia a creança na *experiecia moral* e ensina-a a encontrar na satisfação da sua consciencia uma razão de valor para praticar o bem.

As ligas de bondade, creadas em Paris por M.^{ms} Eugénie Simon e Agnès Rossollin, foram inspiradas pelos *Bands of Mercy*, da America, invenção de Jorge Angell. Os *Bands of Mercy* agrupam actualmente quatro milhões de creanças americanas!

As ligas de bondade foram primeiro estabelecidas em duas escolas parisienses. Depois irradiaram por toda a França. Qualquer creança admitida numa liga transforma-se por completo, dizem os professores empenhados na cruzada. Era um ser passivo, que tudo esperava da iniciativa alheia: torna-se activa e previdente, cuidadosa para com os companheiros, tolerante e afavel para com os egoistas e os fracos. Centro de applicação de duas forças opostas igualmente poderosas — o bem e o mal — a creança junta a sua á boa vontade do mestre em prol do bem e torna-se apta para determinar a propria ascensão até o ideal. *A creança transforma-se assim, cultivando-se e aperfeiçoando-se independentemente do auxilio de outrem.*

Eis como funciona uma liga:

1.^o A creança é livre de entrar ou não na liga de bondade.

2.^o Os pequenos liguistas devem aproveitar, dentro ou fóra da escola, todas as ocasiões de intervir em favor de todos os seres que sofrem, de quem quer que possa ter necessidade de auxilio.

3.^o Devem esforçar-se por nunca mentir; devem empregar a maior lealdade nas suas mútuas relações.

4.^o Na liga existe uma caixa destinada a receber os boletins dos liguistas, *muito simples e sem assinatura*, relatando os actos de bondade que praticaram.

5.^o Estes actos, classificados conforme o interesse que apresentam, são comentados na lição de moral seguinte pelo professor ou professora, que se empenhará por pôr em relevo o valor do esforço individual e do esforço colectivo dos liguistas durante a semana.

6.º Em caso algum se citam os nomes dos liguistas e se distribuem recompensas, pois que *o acto de bondade tem todo o seu valor conservando-se secreto o nome do seu autor. O premio está na satisfação do dever cumprido.*

As ligas são gratuitas e tem por distintivo uma estrela de prata sobre fundo azul, circundada pelo distico — *Liga de bondade.*

Este distintivo serve como meio de propaganda e tambem para que as creanças se reconheçam e tenham sempre presentes os seus deveres.

Dentro de tão singelas bases dá-se a maior latitude ao mestre na orientação das creanças, que variará conforme as classes a que pertencem e o meio onde vivem.

Nada mais interessante do que alguns depoimentos sobre a conduta dos pequenos liguistas. Assim, eles cedem frequentes vezes os seus logares nos carros de carreira a pessoas idosas; tratam os animais com carinho e protegem-nos das perseguições e contra os suplicios que lhes são infligidos; conduzem pelas ruas os céguinhos; ajudam a transportar cargas a velhos e creanças; protegem os ninhos e as arvores; admoestam os companheiros quando empregam termos obscenos ou desrespeitosos; privam-se do lanche em favor dos famintos que encontram no caminho da escola . . .

Uma creança dizia no seu boletim: «No outro dia vi uma velhinha na rua mal podendo carregar um cesto cheio de batatas; corri a pegar numa aza do cesto e ajudei-a até casa.»

Outro boletim: «Soube que um operario do papá tinha morrido e deixado viuva com quatro filhinhos; fui levar a essa desgraçada mulher o dinheiro do meu mialheiro e falei dela á mamã, que lhe deu dez francos.»

Mas não é só para com os outros que a acção das ligas de bondade se exerce eficazmente: as creanças entre si tratam-se com respeito e com a maior amizade.

«Operou-se uma verdadeira transformação na minha escola, diz uma professora, desde que estabeleci a liga de bondade. Mais atenciosas para comigo, mais serviçais para com as companheiras, as minhas discipulas — especialmente as do curso médio — transformam-se em *verdadeiras mães*. Já não sou eu que intervenho,

se as pequeninas vão brincar para o pateo humido sem levar os tamanquinhos. Nas quintas feiras e aos domingos são as minhas liguistas quem se encarregam de fazer estudar as creanças preguiçosas da vizinhança . . . A nossa lição de moral, aos sabados, é consagrada á leitura dos boletins . . . Sinto-me então verdadeiramente comovida com os pensamentos e até com os sacrificios que as minhas pequenas discipulas impõem a si proprias.»

Creemos que a leitura desta singela noticia não será despropositosa para os professores que tem amor á sua nobre missão. Para estabelecer ligas de bondade basta só o querer. A melhor pedagogia — neste caso — é a que brota espontanea do coração quando tratamos com os pequeninos. Eles, na sua ingenuidade, indicam-nos muitas vezes o caminho a seguir. Oxalá possamos um dia ouvir dizer que esta singela noticia teve o efeito de realizar em Portugal a obra já consagrada das ligas de bondade.

Porque não havemos de tentar isto, se custa tão pouco esforço, se pede apenas boa vontade e o verdadeiro amor pela creança, que o mestre portuguez — honra lhe seja! — possui? . . .

DECIFRAÇÃO

De 7.º cente, publicado a páginas 254

O charuto tem de comprimento 0^m,165 (cento e sessenta e cinco milímetros).

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

RELATORIO DA DIRECÇÃO

SENHORES:

Vimos hoje cumprir o dever do cargo que nos foi confiado, apresentando-vos as contas da gerencia de 1913-1914.

Devemos confessar com satisfação que o ano foi prospero para a Academia de Estudos Livres, que viu assegurada a sua existencia material e aumentado o seu prestigio entre as associações de instrução de todo o país.

O facto culminante foi o acto do Parlamento Nacional consagrando a obra da Academia de Estudos Livres pela concessão de um subsidio anual de 1:500 escudos. Para que fosse sancionada esta lei empregaram os seus maiores esforços os srs. drs. Ladislau Piçarra e Tiago Sales. Foi tambem notavel a boa vontade e dedicacão dos srs. Presidente do Ministerio e Ministro da Instrução Pública, dos chefes dos partidos politicos, do sr. dr. Baltazar Teixeira, Tomás da Fonseca e outros amigos verdadeiros da instrução popular.

Não desejamos apoucar as responsabilidades que ficaram impendendo sobre a Academia de Estudos Livres. Mas bastará proseguir no caminho encetado, desenvolvendo ainda mais a nossa propaganda, para justificarmos a confiança que o Estado depositou na Academia de Estudos Livres. O nosso lema deve ser sempre — *pela educação do povo e para a educação do povo*. Dentro deste campo poderemos cumprir o nosso dever ao lado de tantas outras instituições educadoras, dignas de respeito e sincera

amizade. Podemos neste momento falar com maior segurança e perfilhar abertamente a ideia de uma federação de associações de instrução, ideia que foi em tempos advogada com calor pelo sr. dr. João de Menezes. O trabalho a realizar é imenso. Estamos convencidos de que, terminada a actual e sanguinolenta guerra européa, a voz dos educadores será a primeira a ouvir-se. A obra de reconstrução será colossal. Uma nova Renascença vai sem dúvida surgir na Europa. Urge que nos preparemos para essa outra gloriosa luta, convencidos, como todos devemos estar, de que ainda muito poderemos fazer em favor do nosso Portugal.

Como documentos dignos de serem arquivados, damos em apenso os extractos das sessões parlamentares em que se tratou do subsidio á Academia de Estudos Livres.

Chamamos a vossa atenção para a resenha dos trabalhos effectuados, visitas de estudo, conferencias, festas escolares, etc.

Mercê da boa vontade dos nossos amigos, podémos realizar, alem de outras notaveis conferencias scientificas, duas tentativas de *extensão universitaria*: as lições de quimica na Faculdade de Sciencias e as lições de bacteriologia no Instituto Bacteriologico Camara Pestana, aquelas feitas pelo professor sr. Aquiles Machado, estas dirigidas pelos srs. dr. Anibal de Betencourt com a coadjuvação dos srs. drs. Anibal de Magalhães e dr. Pereira da Silva. Vale a pena abrir ao povo as escolas de ensino superior, fornecer ao povo os conhecimentos de que ele se mostra tão ávido. Porque merece registrar-se neste lugar o exito que tiveram as lições dos referidos cursos, especialmente o de quimica, que não tinha inscrição especial. Todas as lições atraíram successivas enchentes ao anfiteatro da Faculdade de Sciencias, sendo notavel o interesse do povo, que positivamente assaltava os seus logares para ouvir o prelector com extraordinario interesse. Prestámos tambem toda a atenção ás nossas festas escolares. Entendemos que elas deveriam ter sempre um caracter artistico, que impressionasse alunos e assistentes, e posémos de parte, portanto, qualquer preocupação sectaria. Nas festas escolares o *heroe* deve ser sempre a creança ou o estudante. A eles pertence o principal papel. *Festa escolar* — disse-se algures — é sinonimo de *escola em festa*. E foi sob este criterio que se realizaram as festas da Escola

Marquês de Pombal: no Liceu de Pedro Nunes para solenizar a recepção do brinde das creanças da Escola Cornelio Saavedra, de Buenos Aires; na sede da Academia para comemorar o 32.º aniversário da fundação da referida Escola Marquês de Pombal.

Digna de especial registo foi a segunda excursão a Paris, dirigida na parte artistica pelo professor sr. Ribeiro Cristino, a quem são devidos os maiores louvores.

Na Escola Marquês de Pombal proseguimos a orientação já consagrada, dedicando ao pequeno estabelecimento todo o nosso amor e dedicação. A frente da Escola e dirigindo a aula maternal continua a dedicada professora sr.ª D. Albertina Cordeiro. Creamos uma classe de transição para as creanças que saem da aula maternal, dirigida pela professora sr.ª D. Maria del Consuelo Lara e Reis, e confiámos a 1.ª e 2.ª classes á professora sr.ª D. Adelina de Brito Cambão e a 3.ª e 4.ª classes á sr.ª D. Maria Paula Pacheco. O ensino da gymnastica continuou a cargo do sr. João de Brito e o do canto coral a cargo do sr. Silveira Pais e da sr.ª D. Eulália Pais.

Nas aulas nocturnas foi seguida a orientação dos anos anteriores, embora reconhecemos a necessidade de modificar essa orientação, dando mais unidade ao ensino. Para conseguir tal torna-se necessaria a criação de um Conselho Escolar, de que façam parte todos os professores, juntamente com um representante da Direcção.

Um facto importante, que desejamos igualmente assinalar, foi a admissão na Academia de Estudos Livres de um grupo de escoteiros, que actualmente usa do numero 6, do registo da Associação Central dos Escoteiros de Portugal.

A instituição fundada pelo general inglês Baden-Powel merece o mais caloroso apoio. A prova da sua eficacia educativa temo-la já neste magnifico grupo de rapazes, que constituem o *Grupo de Escoteiros da Academia de Estudos Livres*, tendo por chefe o illustre official de marinha sr. Alvaro de Melo Machado, agora ausente de Portugal e prestando serviço na nossa colonia de Moçambique, como chefe de gabinete do Governador Geral. Escoteiro guia é o sr. Abilio dos Santos.

Os nossos escoteiros são modelo de educação: respeitosos,

obedientes, dedicados. Qualquer ordem que se lhes transmita é prontamente executada, sem reflexões. *A obediência consciente é um dever que voluntariamente se impozeram.*

As futuras direcções da Academia de Estudos Livres devem olhar com carinho para esta nova instituição.

A Associação Central dos Escoteiros de Portugal, que tem por missão efectivar a federação de todos os grupos de escoteiros existentes ou que venham a formar-se no país, tem a sua séde na Academia de Estudos Livres. A direcção fez esta concessão porque entendeu que assim consagrava publicamente o apreço em que deve ter-se a causa do escotismo. Adeante vos propomos que ratifiqueis esta resolução.

Continuamos abrigando na nossa casa a Sociedade de Estudos Pedagogicos. Esta associação, que podemos considerar como sucedânea da desaparecida Liga de Educação Nacional, embora com um fim mais restrito e especializado, é um elo que nos prende ao professorado português. Na mesma Sociedade conta a Academia de Estudos Livres dedicadissimos amigos, como o seu illustre presidente, sr. Pedro José da Cunha, director da Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa.

A Sociedade de Estudos Pedagogicos nunca se negou a prestar o seu valiosissimo concurso á Academia de Estudos Livres, auxiliando-a até pecuniariamente. Merece, portanto, toda a nossa estima e respeito. Levados por estas idéias temos tambem adeante a honra de vos propôr que consagreis solenemente a permanencia de tão douta corporação na nossa Academia.

Devemos agora falar da situação financeira da Academia de Estudos Livres, situação que no ultimo ano continuou a melhorar como passamos a expôr.

Relativamente á receita de quotas e estatutos da Academia e sua Escola Marquês de Pombal, ela foi:

Em 1910-1914	2.313.630
Em 1911-1912	2.332.915
Em 1912-1913	2.376.815
Em 1913-1914	2.336.586

Em comparação com o ano anterior houve em 1913-1914 uma diminuição de receita de esc. 39529, que poderá attribuir-se a causas fortuitas e imprevistas. A diminuição deu-se: na receita da Escola Marquês de Pombal, que foi

Em 1912-1913	405885
Em 1913-1914	369316
o que dá a diferença de	36569

e na receita propria da Academia, que foi

Em 1912-1913	1.970530
Em 1913-1914	1.967870
o que dá a diferença de	2660

que junta á encontrada na Escola Marquês de Pombal perfaz a importancia de 39529, acima indicada.

No ano findo de 1913-1914 inscreveram-se menos 10 alunos do que no ano anterior, razão por que houve tambem uma diminuição na receita de matriculas, que foi:

Em 1912-1913	1.036500
Em 1913-1914	978510
o que dá a diferença de	58550

Somando as receitas liquidas das verbas — *Anais, Donativos, Excursões e visitas e Benefícios* — nos anos de 1912-1913 e 1913-1914, encontramos um excesso de receita neste ultimo ano da importancia de 108558, que compensa perfeitamente o *deficit* nas *receitas de quotas, estatutos e matriculas*.

Devemos registar aqui os valiosissimos subsidios que foram concedidos á Academia de Estudos Livres pela Assistência e Câmara Municipal de Lisboa. A importancia recebida por estas duas verbas foi de 420500.

Sendo o saldo em caixa de	315\$71,3
e os subsídios da importancia de . .	420:00
é a diferença de	104\$28,7

Vê-se que desses subsídios ainda gastámos a importancia de 104\$28,7, o que demonstra quanto nos foi util tal auxilio.

Pela importante verba em Caixa verifica-se que poderíamos pagar mais por conta dos debitos da Academia de Estudos Livres; a Direcção porém atendeu ás condições especiais da Academia, que necessita de melhores instalações. Se a Academia conseguisse transferir-se para nova séde haveria despesas a fazer com a mudança, embora elas fossem mais tarde compensadas pelo aumento de receita. A boa prudencia mandava, pois, que se guardasse algum dinheiro para acudir á prevista eventualidade. Eis a explicação do nosso procedimento.

Entrando na apreciação das verbas de despesa e comparando nos anos economicos de 1912-1913 e 1913-1914 as de *despesas diversas, ordenados a professores, mobiliario, devedores e créditos e professores da Escola Marquês de Pombal*, verifica-se que a Academia de Estudos Livres dispendeu a mais neste ano a importancia de 77\$32,3.

A Academia devia em 1912-1913 . .	2.441\$56,8
Ficou devendo em 30 junho de 1914	2.121\$39

Esta importancia está assim decomposta:

Emprestimos gratuitos	211\$00
Letra a pagar ao socio sr. Julio Maria de Sousa	350\$00
Credores diversos	1.560\$39
	2.121\$39

As rendas ficam pagas até ao mês de julho de 1914, inclusivé. A importancia em divida poderá amortisar-se em três ou quatro anos, mercê do subsídio do Estado. Para mais tarde

devemos contar com a completa substituição do material escolar, o que aliás se poderá fazer pouco a pouco, sem necessidade de recorrer ao credito e contando apenas com as forças do cofre.

Para cautela do futuro entendemos diminuir o valor das verbas — *Movéis e mobiliario escolar e Biblioteca* — aquela em 212\$50 e esta em 99\$00, levando estas importancias à conta de Ganhos e Perdas.

O capital ficou sendo de	4.518\$41,3
Era em 30 de junho de 1913 . . .	4.173\$87,4
Aumentou em	344\$53,9

Todos estes numeros demonstram que a situação vai melhorando sensivelmente.

Se aos factores materiais juntarmos os factores de ordem moral — crescente influencia no espirito publico e auxilio prestado pelo professorado à obra da Academia de Estudos Livres — devemos supôr que está guardado para esta instituição um porvir ainda mais brilhante do que o prospero presente. Para chegar até lá requer-se apenas uma virtude — *tenacidade*.

A Academia de Estudos Livres foi contemplada no testamento do falecido e benemerito socio e amigo da instrução popular Jacinto Iglésias com o legado de 100 escudos, alem dos premios pecuniarios que durante três anos serão distribuidos pelos alunos, por intermedio da benemerita Sociedade *A Voz do Operario*. Registamos este acto de generosidade, que demonstra haver quem se interesse sinceramente pelos nossos trabalhos. Prestamos à memoria de Jacinto Iglésias as homenagens do nosso respeito.

Propomos que na acta das sessões seja exarado um voto de louvor: —

- 1.º — A todas as pessoas e colectividades que prestaram o seu valioso auxilio à Academia;
- 2.º — A todos os conferentes e directores de excursões e visitas;
- 3.º — A todas as pessoas e colectividades que enviaram publicações para o gabinete de leitura;

4.º—A imprensa do país em geral e á da capital, especializando as redacções dos jornais *Diário de Notícias*, *Seculo*, *Mundo*, *Lucta*, *Republica* e *Capital*, que continuaram prestando inestimaveis serviços á Academia.

Propomos mais que seja consagrada solenemente a permanencia na nossa séde da Sociedade de Estudos Pedagogicos e da Associação Central dos Escoteiros de Portugal, exarando-se na acta um voto de congratulação pelos trabalhos de verdadeiro valor educativo que tem realizado tão illustres colectividades.

Lisboa, em 31 de agosto de 1914.

PELA DIRECÇÃO

Antonio Augusto da Veiga e Sousa
Antonio Francisco Marques
Antonio Joaquim de Sá Oliveira
Francisco Bernardino Cardoso
Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves
Manuel Esteves Câmara

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Centa da Receita e Despesa no ano económico de 1913-1914

Designação das contas	Movimento		
	Receita	Despesa	
Saldo de 1912-1913	5,446,7	-	
Quotas	1:915,410	-	
Estatutos	52,660	-	
Matriculas	978,410	-	
Benefícios	429,418	278,668	
Anais da Academia	118,685	126,605	
Donativos e outras receitas	73,494	-	
Legado Testa	166,660	-	
Devedores e credores	15,493,5	285,688	
Rendas	60,600	816,665,9	
Subsídio da Camara Municipal de Lisboa	240,600	-	
Subsídio da Assisténcia Publica	180,600	-	
Excursões e visitas	5:081,660	4:615,672	
Ordenados a professores	-	1:016,630	
Ordenados a empregados	-	535,680	
Percentagens ao cobrador	-	242,698,5	
Gás e água	-	204,619	
Biblioteca	-	40,655	
Despesas diversas	-	479,601,5	
Despesas de expediente	-	50,646	
Escola Marquês de Pombal:			
	Receita	Despesa	
Quotas e outras receitas	369,616	-	
Professores	-	603,670	
Despesas de cobrança	-	20,693	
	369,616	624,663	369,616 624,663
Saldo em caixa em 30 de Junho de 1914			315,671,3
			9:630,653,2 9:630,653,2

Lisboa, em 30 de Junho de 1914.

Pelo Presidente da Direcção, *António Augusto da Veiga e Sousa*—O Secretario da Direcção, *Joaquim Cardese de Sousa Gonçalves*—O Tesoureiro, *Françisco Bernardino Cardese*.

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Mapa demonstrativo da receita e despesa desde 1 de Janeiro de 1898 até 30 de Junho de 1914

Designação das contas	1898 a 1908-1909		1909-1910		1910-1911		1911-1912		1912-1913		1913-1914		Total	
	Receita	Despesa	Receita	Despesa	Receita	Despesa	Receita	Despesa	Receita	Despesa	Receita	Despesa	Receitas	Despesas
Quotas e estatutos....	8.501,426	-	1.885,485	-	2.093,460	-	2.100,420	-	1.970,430	-	1.957,470	-	18.618,490	-
Analis da Academia....	183,418,5	133,427,5	436	-	5,444	-	171,487	249,488	135,430	88,485	118,485	126,405	615,400,5	598,405,5
Donativos e diversas receitas.....	502,470	-	154,470	-	-	-	48,497,5	-	307,408,5	-	73,494	-	1.077,440	-
Ordenados a empregados e percentagens.....	-	2.002,409,5	-	487,490	-	593,437,5	-	663,418,5	-	694,422	-	778,478,5	-	5.219,456
Rendas.....	-	3.294,469	1,450	650,400	35,400	500,401	55,400	408,433	65,400	933,430,1	60,400	816,465,9	216,400	6.600,402
Diversas despesas (incluindo água e gás).....	-	3.505,423	-	458,495	-	536,402	-	567,472,5	-	503,471,5	-	783,466,5	-	6.306,490,5
Excursões e visitas	3.494,484,5	3.479,482	374,480	376,401,5	1.365,494	3.902,426	476,400	484,400	1.115,443,5	1.085,469	5.031,460	1.615,472	14.858,462	13.943,450,5
Matrículas.....	2.196,420	-	723,469	-	785,465	-	943,475	-	1.036,460	-	978,410	-	6.663,490	-
Ordenados a professores Beneficios.....	-	2.547,421	-	697,470	-	893,485	-	824,440	-	354,440	-	1.016,420	-	6.260,476
Mobiliario e biblioteca.....	3.487,467,5	1.846,494	373,436	244,440	14,492	10,400	434,494	259,411	516,428	281,402	423,418	278,468	5.260,435,5	2.919,445
Contribuições.....	39,465	57,480	-	-	-	-	-	321,469	-	149,462,2	-	40,465	1,450	2.729,416,2
Devedores e credores.....	1.596,479,2	1.704,445,5	215,416	463,429	200,400	505,489,5	612,491,5	607,461,5	44,400	822,410	16,490,5	283,488	2.684,460,2	3.886,423,5
Concertos musicais e outros festas.....	77,420	150,440	-	-	251,479,5	294,411,5	42,480	31,436,5	16,419,5	58,418,5	-	-	390,499	534,406,5
Empréstimos gratuitos.....	234,450	298,480	25,450	48,450	7,400	33,450	-	5,400	-	3,400	-	-	567,400	298,480
Juros.....	13,437	11,495	-	4,457	-	-	1,440	-	-	-	-	-	14,477	16,423
Diplomas e cadernos escolares.....	16,400	10,424	18,400	-	16,464	-	18,422	-	9,454	5,458	-	-	78,440	15,482
Legados.....	-	-	-	-	166,466,5	-	166,466,5	-	166,466,5	-	166,466,5	-	666,466,5	-
Subsidio da Assistencia Publica.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	240,400	-	240,400	-
Subsidio da Camara Municipal.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	180,400	-	180,400	-
Escola Marquês de Pombal														
Quotas e donativos....	1.109,441,5	-	226,400	-	219,470	-	201,496	-	405,486	-	369,416	-	2.562,407,5	-
Professores.....	-	727,450	-	342,400	-	424,450	-	664,400	-	698,400	-	603,470	-	3.460,470
Ordenados a empregados e percentagens.....	-	239,410,2	-	61,487	-	43,447	-	33,419,5	-	110,458,5	-	20,498	-	575,415,2
Rendas.....	-	184,400	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	184,400
Diversas despesas.....	-	222,413	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	222,413
Saldo para 1914-1915.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	315,471,3	-
	21.852,478,2	21.832,464,1	4.698,489	1.118,496,5	8.166,485	8.085,462,5	5.304,468,0	5.179,449,5	5.688,425	5.889,419,8	9.625,406,5	9.639,453,2	54.736,446,2	54.736,446,2

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Balanço referido a 30 de Junho de 1914

ACTIVO		PASSIVO	
Obrigações da Ville de Paris	360\$00	Devedores e credores	1:560\$39
Obrigações de 3 % de 1905	20\$00	Empréstimos gratuitos	211\$00
Móveis e mobiliário escolar	1:912\$94,5	Letras a pagar	350\$00
Biblioteca	933\$08,5	Capital	1:518\$41,3
Annis da Academia	98\$11		
Caixa	315\$71,3		
	3:639\$80,3		3:639\$80,3

Lisboa, em 30 de Junho de 1914.

Pelo Presidente da Direcção, *António Augusto da Veiga e Sousa* — O Secretario da Direcção, *Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves*.

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Desenvolvimento da conta de ganhos e perdas no ano economico de 1913-1914

RECEITA		DESPESA	
Donativos e outras receitas	73,494	Despesas de expediente	50,446
Quotas	1:915,410	Cobrança da Escola Marquês de Pombal	20,493
Estatutos	52,460	Juros	6,410
Quotas da Escola Marquês de Pombal	369,416	Anais	7,420
Matriculas	978,410	Móveis e mobiliario escolar	212,450
Beneficios	144,450	Ordenados a professores	1:016,420
Devedores e credores (diferença encontrada) ..	400,1	Professores da Escola Marquês de Pombal ...	603,470
Exempções e visitas	415,488	Percentagens	242,498,5
Aluguer duma loja	60,400	Gás e água	204,419
Subsídio da Câmara Municipal	240,400	Empregados	525,480
Subsídio da Assistência	180,400	Cadernos escolares	14,403,5
Legado Testa	166,460	Rendas	758,432,7
		Biblioteca	99,400
		Despesas mmdas	479,401,5
		Capital	344,453,9
	4:595,488,1		4:595,488,1

Lisboa em 30 de Junho de 1914.

Pelo Presidente da Direcção, *António Augusto da Veiga e Sousa*—O Secretário da Direcção, *Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves*.

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Ano lectivo de 1913-1914

Mapa estatístico das matriculas effectuadas nas aulas diurnas e nocturnas, frequência, número de lições, etc.

Aulas	Número de matriculas	Frequência nas aulas até ao fim do ano	Fizeram exames		Eliminadas		Número total de lições	Média da frequência
			No Académia	São outras escolas	Por terem desistido	Por falta de frequência		
Instrução primária diurna (Escola Marquês Pombal)	98	78	-	22	20	-	219	79,59 %
Escola Maternal	41	25	-	-	16	-	216	60,97 %
Instrução primária, aulas nocturnas	98	55	-	43	45	-	180	56,12 %
Português	57	30	-	-	27	-	98	52,63 %
Francês (1.ª e 2.ª partes)	72	44	18	-	26	2	76	61,11 %
Inglês (1.ª e 2.ª partes)	39	21	-	-	16	2	76	53,84 %
Desenho (1.ª e 2.ª partes)	36	20	17	-	16	-	81	55,55 %
Matemática elementar	17	7	-	-	10	-	80	41,17 %
Contabilidade	32	14	-	-	16	2	67	43,75 %
Admissão à Escola Normal	65	58	-	9	7	-	150	89,23 %
Rudimentos de música	28	18	-	6	10	-	83	64,28 %
Piano	21	10	-	2	11	-	76	47,61 %
Violino	6	3	-	-	3	-	55	50 %
Harmonia	4	3	-	1	1	-	83	75 %
	614	386	35	80	222	6	1:540	

Lisboa, 31 de Outubro de 1914. — Pelo Presidente da Direcção, *António Augusto da Veiga e Sousa* — O Secretário da Direcção, *Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves*.

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Ano lectivo de 1913-1914

Mapa estatístico indicando as idades dos alunos
que frequentaram as aulas noturnas

De 10 a 12 anos	30
Com 13 anos	15
" 14 "	34
" 15 "	42
" 16 "	34
" 17 "	21
" 18 "	25
" 19 "	10
" 20 "	16
" 21 "	15
" 22 "	16
" 23 "	4
" 24 "	14
" 25 "	11
" 26 "	5
" 27 "	10
" 28 "	3
" 29 "	7
" 30 "	3
De 31 a 35 anos	11
" 36 a 40 "	4
" 41 a 43 "	1
	331

Alunos do sexo masculino..... 216

Alunos do sexo feminino..... 115

331

Lisboa, em 31 de Outubro de 1914.

Pelo Presidente da Direcção, *António Augusto da Veiga e Sousa* — O Secre-
tário da Direcção, *Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves*.

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Ano lectivo de 1913-1914

Mapa estatístico indicando as profissões dos alunos que frequentaram as aulas noturnas

Profissões	N.º de alunos	Profissões	N.º de alunos
Ajudantes de farmacia	2	Transporte	94
Boletineiros	1	Esmaltadores	1
Brochantes	1	Estofadores	1
Canteiros	1	Estucadores	4
Carpinteiros	7	Estudantes	171
Chapeleiros	1	Fotografos	1
Comerciantes	1	Industriais	2
Costureiras	1	Marceneiros	1
Criados de mesa	1	Militares	33
Criados de servir	1	Operarios (não conhecidos os officios)	2
Desenhadores	4	Ourives	2
Despachantes	2	Pedreiros	1
Empregados no camião de ferro	1	Pintores	1
Empregados no comércio	60	Policiais	2
Empregados no correio	2	Professores	2
Empregados no Governo Civil	1	Serralheiros	4
Empregados publicos	3	Telegrafistas	1
Enfermeiros	1	Tipografos	5
Enfermeiros	2	Torneiros	2
Escrivão-ajudante	1	Trabalhadores	1
A transportar	94	Total	331

Lisboa, em 31 de Outubro de 1914. — Pelo Presidente da Direcção, *António Augusto da Veiga e Sousa* — O Secretario da Direcção, *João Cardoso de Sousa Gonçalves*.

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Esmeridas e resenha das conferencias, excursões, visitas de estudo e outros trabalhos realizados no ano lectivo de 1913-1914

- 10 DE AGOSTO DE 1913 — Festa escolar promovida por uma comissão de alunos.
- 27 DE AGOSTO DE 1913 — Segunda conferencia sobre Paris, pelo professor sr. Ribeiro Cristiano.
- 29 DE AGOSTO DE 1913 — Assembléa geral ordinaria para dissenso dos relatorios e contas da direcção e parecer do conselho fiscal, relativos aos annos de 1910-1911 e 1911-1912 e para eleição dos corpos gerentes.
- 31 DE AGOSTO DE 1913 — Partida da excursão promovida pela Academia de Estudos Livres á cidade de Paris. A excursão demorou-se em Paris até 14 de Setembro, sendo todas as visitas dirigidas na parte artistica pelo professor sr. Ribeiro Cristiano.
- 12 DE OUTUBRO DE 1913 — Excursão ás grandes propriedades de Rio Frio, do falecido agricultor José Maria dos Santos.
- 16 DE OUTUBRO DE 1913 — Remiço publica para instalar em Lisboa a Secção Portuguesa do Instituto Internacional para a diffusão das experiencias sociais, de Paris.
- 26 DE OUTUBRO DE 1913 — Visita de estudo no Aquario do Dafundo e á exposição fluvial e maritima instalada no mesmo estabelecimento.
- 9 DE NOVEMBRO DE 1913 — Primeiro concerto muzical, dirigido e organizado pelo professor sr. Silveira Pais.
- 23 DE NOVEMBRO DE 1913 — Festa escolar para solemnizar a entrega á Academia d'um estandarte oferecido por uma comissão de alunas e um aluno.
- 1 DE DEZEMBRO DE 1913 — Festa escolar no ginnasio do Liceu de Pedro Nunes para solemnizar a recepção do brinde oferecido pelos alunos da Escola Cornelio Saavedra, de Buenos Aires, aos alunos da Escola Margá de Pombal, secção da Academia. Á sessão presidiu o sr. Ministro da Argentina. Discursaram os srs. Ministro da Argentina, Abel Botelho, Ministro de Portugal naquele país, e dr. Sá Oliveira, director da Academia e reitor do Liceu de Pedro Nunes. Assistiram deputações de alunos das escolas de Lisboa.
- 14 DE DEZEMBRO DE 1913 — Sarsa literario-muzical. Leitura do trecho de Teixeira de Queiros — A teia e a vida — pela professora sr.^a D. Adelina de Brito Cashão. Concerto muzical, dirigido e organizado pelo professor, sr. Silveira Pais.
- 14 DE DEZEMBRO DE 1913 — Conferencia na Faculdade de Sciéncias pelo professor sr. Correia dos Santos. Têma da conferencia — Influencia da instrucção e educação no progresso das nações.

- 4 DE JANEIRO DE 1914—Conferencia na Faculdade de Sciencias pelo professor sr. Eduardo Andreia. Têma da conferencia—A matematica superior é útil?
- 18 DE JANEIRO DE 1914—Primeira conferencia sobre astronomia, pelo engenheiro, sr. Afonso de Castilho.
- 25 DE JANEIRO DE 1914—Visita á exposiçào de agurelas, da Sociedade Nacional de Belas Artes. A visita foi dirigida pelo professor sr. Ribeiro Cristiano.
- 1 DE FEVEREIRO DE 1914—Conferencia na Faculdade de Sciencias pelo professor sr. Borges de Sequeira. Têma da conferencia—Pontos de vista e influencia da sua variaçào na apreciaçào dos quadros perspectivos.
- 9 DE FEVEREIRO DE 1914—Segunda conferencia sobre astronomia pelo engenheiro, sr. Afonso de Castilho.
- 8 DE MARÇO DE 1914—Primeira lição de quimica, pelo professor sr. Aquiles Machado, na Faculdade de Sciencias. A lição teve por têmea—O oxigenio.
- 15 DE MARÇO DE 1914—Segunda lição de quimica. A lição teve por têmea—O hidrogenio e a agua.
- 22 DE MARÇO DE 1914—Tercera lição de quimica. A lição teve por têmea—O azoto, ar atmosferico, fosforo, arsenio e antimonio.—Primeira lição do curso de bacteriologia, dirigido pelo sr. dr. Anibal de Brittanourt com a colaboraçào dos ses. ãrs. Anibal de Magalhães e Pereira da Silva.
- 29 DE MARÇO DE 1914—Quarta lição do curso de quimica. O têmea foi—Cloro, bromo, iodo e acido cloridrico. Segunda lição do curso de bacteriologia. A lição versou sobre—A tuberculose.—Visita á Igreja e Museu de S. Roque, dirigida pelo professor sr. Ribeiro Cristiano e Cardoso Gonçalves.
- 5 DE ABRIL DE 1914—Tercera lição do curso de bacteriologia. A lição versou sobre—O carbunho.—Quinta lição do curso de quimica. O têmea foi—Enxofre e seus principais compostos.
- 19 DE ABRIL DE 1914—Quarta lição do curso de bacteriologia. A lição versou sobre—As doenças que tem por origem os vermes intestinaes.
- 26 DE ABRIL DE 1914—Visita á exposiçào Odisiponense, dirigida pelo sr. José Queiroz e professor Ribeiro Cristiano.—Quinta lição do curso de bacteriologia. A lição versou sobre—A raiva e difteria.—Visitou-se todo o Instituto Bacteriologico. Sexta lição do curso de quimica. O têmea foi—O carbono e seus principais compostos.—Assistiu o sr. Ministro da Instruçào Publica.
- 10 DE MAIO DE 1914—Sexta lição do curso de bacteriologia. A lição versou sobre—A malacia, sezes e outras doenças transmitidas ao homem pelos insectos. Concerto musical pelos alunos da sala de piano da Academia. Visita da Escola Marquês de Pombal á exposiçào de Avicultura.
- 16 DE MAIO DE 1914—Visita á fabrica de cerveja Germanica.

- 20 DE MAIO DE 1914 — Visita dos professores primarios do circulo escolar de Gouveia ás installações da Academia.
- 7 DE JUNHO DE 1914 — Festa escolar comemorativa do 32.º anniversario da Escola Marquês de Pombal. Foi honrada com a presença do sr. Presidente do Ministerio e Governador Civil. A festa foi inserita no certamen promovido pela Sociedade de Estudos Pedagogicos. (a)
- 14 DE JUNHO DE 1914 — Visita á exposiçào de pintura da Sociedade Nacional de Belas Artes, dirigida pelo professor sr. Ribeiro Cristiano.

Lisboa, 31 de Outubro de 1914.

Pelo Presidente da Direcção, *António Augusto da Veiga e Sousa* — O Secretario, *Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves*.

(a) Por decisão do jurí que classificou os concorrentes ao certamen de testas escolares, foi concedido á Escola Marquês de Pombal o 2.º premio (um relógio oferecido pela Associação dos Leigos de Lisboa).

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES:

Em obediencia ao preceituado no art. 33.º dos nossos estatutos, vimos dar-vos contas da nossa honrosa missão, que se tornou simplicissima em vista do bem elaborado e desenvolvido relatorio da direcção, que pela sua lucidez nos poupa trabalho. Se quizessemos referir-nos á vida da nossa querida Academia, só poderiamos reproduzir, e com apagadas cores, os relatos da direcção, e assim, para não fazermos um serviço de copia, só vos diremos que examinando as contas ora submetidas á vossa aprovação as achámos certas e em estado que denotam muito zelo por parte da digna direcção, que é, sem favor, merecedora de todo o nosso elogio, e por isso vos propomos:

- 1.º — Que aproveis as contas apresentadas;
- 2.º — Que aproveis as propostas feitas no relatorio da direcção;
- 3.º — Que se consigne na acta desta sessão um voto de louvor e agradecimento á mesma direcção, pela forma como dirigiu todos os trabalhos da Academia, trabalhos que podem servir de modelo aos mais exigentes e meticulosos em assuntos associativos.

Lisboa, 31 de Agosto de 1914.

O CONSELHO FISCAL

Antonio Joaquim Ribeiro
Joaquim Bento da Costa
José Vieira dos Santos
Leandro Pinheiro de Melo
Mario Cesar do Carmo e Freitas

DOCUMENTOS APENSOS

AO

RELATÓRIO DA DIRECÇÃO

DA

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Ano de 1913-1914

O SUBSÍDIO CONCEDIDO PELO ESTADO

Apresentação e discussão do projecto no Senado e Câmara dos Deputados

(EXTRACTOS)

República Portuguesa—Sessão legislativa de 1911-1912—Diário do Senado
Sessão n.º 83—Em 7 de Maio de 1912

ANTES DA ORDEM DO DIA

.....

O Sr. LADISLAU PIÇARRA:—Sr. Presidente: pedi a palavra por causa dum projecto de lei que desejo remeter para a mesa, e que se refere á Academia de Estudos Livres. É esta Academia uma instituição de ensino que funciona em Lisboa há já bastantes anos, e que tem prestado os melhores serviços á instrucção da mocidade.

Todos esses serviços se acham registados num pequeno relatório que precede o meu projecto de lei, que não lerei ao Senado para não cansar a sua atenção. Esta Academia ministra instrucção, actualmente, a uns 500 alunos. Ela, porém, luta com grandes

dificuldades, visto que vive exclusivamente do produto das cotas de sócios, dalguns festivais que promove, e dalguns donativos particulares.

Subvenção do Estado não tem nenhuma. A crise porém, por que esta Academia está passando é tão grave, que ela se encontra ameaçada de ser suprimida por falta absoluta de recursos financeiros.

Queira Deus que tal não suceda, porque isso representaria a privação de ensino a 500 alunos, aproximadamente.

Sabendo-se quanto está reduzida a instrução em Portugal, por falta de estabelecimentos de ensino, o deixar de subsidiar esta Academia é praticar um gravissimo erro de lesa instrução.

O meu projecto de lei tende a evitar que esta catastrophe se dê, isto é, tem por fim auxiliar essa Academia, para que de forma alguma ela deixe de seguir na sua benemérita obra.

Tal projecto pede apenas um subsidio de um conto e quinhentos mil réis annuaes, para a referida Academia. Com esta pequena verba poderá ela manter-se e continuar na sua nobre missão do derramento de ensino.

Não me alongo em considerações e passo a ler o projecto que vou enviar para a mesa.

Leu.

Peço a V. Ex.^a que dê toda a urgência para a discussão deste projecto, visto tratar-se dum assunto que não deve sofrer delongas. Tenho dito.

República Portuguesa — Sessão legislativa de 1911-1912 — Diário do Senado
Sessão n.º 85 — Em 9 de maio de 1912

.....

Documentos mandados para a mesa

.....

Projecto de lei

Do Senador Sr. LADISLAU PICHARRA, concedendo o subsídio anual de 1:500\$000 réis, pagos em duodécimos, à Academia de Estudos Livres, Universidade Popular.

Foi admitida.

Para a comissão de instrução e de finanças.

República Portuguesa—Diário do Senado—25.^a sessão ordinária de 3.^a periodo da 1.^a legislatura—1912-1913—Em 15 de Janeiro de 1913—Presidência do Ex.^{mo} Sr. Anselmo Braamcamp Freire—Secretários os Ex.^{mos} Srs. Artur Rovisco Garcia e Evaristo de Carvalho

ORDEM DO DIA

O Sr. PRESIDENTE:—Vai ler-se, para ser pôsto em discussão, o parecer n.º 226 (subsídio à Academia de Estudos Livres).

Leu-se na mesa. É o seguinte:

Parecer n.º 226

Senhores Senadores:—A vossa comissão de instrução, examinando o projecto de lei n.º 150-C, segundo o qual é concedido à Academia de Estudos Livres, um subsídio anual de 1:500\$000 réis, entende que o mesmo projecto merece a aprovação do Senado.

É público e notório que a Academia de Estudos Livres vem, desde a sua fundação, em 1889, prestando à instrução popular os mais relevantes serviços. Esses serviços acham-se consignados num longo e lúcido relatório, que precede o presente projecto de lei, os quais nos parece desnecessário reproduzir neste lugar. Entretanto diremos que, além das numerosas conferências, excursões

de estudo e festas artisticas, a Academia de Estudos Livres mantém aulas de instrução primária e secundária, nas quais se ministra o ensino a cerca de 500 alunos.

Ora succede que esta benemérita instituição luta de tal forma com difficuldades financeiras que, se o Estado não lhe acudir urgentemente com o mencionado subsídio, ela sossobrará fatalmente, ficando assim privados de instrução os 500 alunos, aproximadamente, que freqüentam as suas aulas. Êste facto seria tanto mais grave quanto é certo possuir o Estado poucos estabelecimentos de ensino em relação à população escolar.

Por todas estas razões, entende a vossa comissão de instrução que subsidiar a Academia de Estudos Livres é praticar uma acção verdadeiramente benemérita e patriótica.

Lisboa, em 20 de Maio de 1912.—*Silva Barreto—Sousa Júnior—Manuel Fernandes Costa—Ladislau Piçarra.*

Senhores Senadores:—A vossa comissão de finanças, tendo em consideração os muitos e relevantes serviços que à instrução presta e tem prestado a Academia de Estudos Livres, e na esperança de que continuará a prestar os mesmos serviços à instrução, é de parecer que voteis o projecto de lei n.º 150-C.

Sala do Senado, em 4 de Julho de 1912.—*José Maria Pereira—Inácio de Magalhães Basto—Tomás Cabreira—Alfredo Botelho de Sousa—José Nunes da Mata.*

O Sr. PRESIDENTE:—Está em discussão.

O Sr. JOÃO JOSÉ DE FREITAS:—Pedi a palavra para uma questão prévia, porque examinando os pareceres das comissões que existem sobre este projecto de lei, vejo que elles são fundamentados num largo relatório, em que se expõem lúcidamente os benefícios, os altíssimos serviços, que esta instituição tem prestado à causa da instrução primária em Lisboa.

Os pareceres emitidos pelas comissões parlamentares sobre este projecto são favoráveis à sua aprovação. Eu seria também favorável se não estivesse pendente da discussão da Câmara dos Deputados uma proposta apresentada pelo Sr. Ministro do Fomento, e que tende a autorizar o Governo a não dar cumprimento aos

projectos de lei que aumentem as despesas, e se, além disso, na outra casa do Parlamento não estivesse ainda para ser apresentado o Orçamento do ano económico de 1913-1914, o qual, pelos termos da Constituição, deve ser apresentado hoje.

Ora, Sr. Presidente, não sei do que servirá a aprovação deste projecto, se porventura for aprovada, nesta e na outra Câmara, a proposta ministerial chamada *travão*, e que dá ao Poder Executivo autoridade para não dar execução a qualquer projecto de que resulte aumento de despesas, quando nesse projecto não se criem receitas especiais para lhes fazer face.

Ora eu pergunto: se o Congresso aprovou esse projecto de lei pode esta proposta ter execução?

Certamente que não.

Por consequência seria uma inutilidade aprovar um projecto, vindo amanhã uma proposta de finanças de iniciativa ministerial, que o torna completamente inútil, ficando letra morta.

Por outro lado, não conhecem ainda a situação financeira do país as duas casas do Parlamento. Precisamente agora, neste momento, deve estar sendo apresentado na outra casa do Parlamento o Orçamento do Estado. Diz-se que o *deficit* é considerável, que não pode ser inferior a 8:000 contos de réis. Sendo assim, parece-me da mais absoluta e rigorosa obrigação moral, por parte das duas casas do Parlamento, não aumentar as despesas públicas, e não se apresentar projecto algum que aumente a despesa sem criar receita.

Sr. Presidente: examinando detidamente o relatório, feito pelo ilustre membro desta casa do Parlamento, o Sr. Ladislau Piçarra, que precede o projecto de lei que está em discussão, por esse exame vi bem quanto a Academia de Estudos Livres tem prestado serviços à causa da instrução popular, e essa Academia bem merece o apoio, que impetra, porquanto tem-se evidenciado na luta pelo desenvolvimento intelectual e moral do país.

Sr. Presidente: se é certo que esta Academia tem prestado serviços à causa da instrução popular, não o é menos que outras instituições há, de iniciativa particular, que tem vivido desde 1898 e igualmente tem prestado os seus serviços à causa da instrução, não só em Lisboa e Porto, como em outras terras do país.

Sr. Presidente: se a situação financeira do Tesouro não fôsse precária, e o *deficit* não fôsse de 8:000 contos de réis e, ainda, se não estivesse pendente uma lei que vai autorizar o Governo a não dar execução a projectos que aumentem a despesa, eu votava a proposta apresentada pelo Sr. Ladislau Piçarra, e teria muita satisfação em dar o meu voto aprovativo a êste projecto, porque tenho a certeza de que, com êsse meu voto, prestaria um grande serviço ao meu país.

O Sr. LADISLAU PIÇARRA:—Muito bem.

O ORADOR:—Mas, Sr. Presidente, entre a satisfação dos nossos desejos e a possibilidade de os realizar, vai uma grande distância.

Nós temos necessariamente de circunscrever à causa da instrução os pequenos recursos de que o Tesouro pode dispor, e a verdade é que êsses recursos não permitem a despesa que acarretaria o projecto, pelos motivos que acabo de indicar.

Nós temos iminente um *deficit* orçamental de cêrca de 8:000 contos de réis e, se fôr approvada a proposta a que alludí, há pouco, de nada servirá a approvaçào dêste projecto.

Proponho, pois, o adiamento da discussão dêste projecto, enquanto não fôr apresentado o Orçamento para o futuro ano económico, e enquanto não fôr votada a proposta, de iniciativa ministerial, que autoriza o Governo a não dar seguimento a qualquer projecto votado no Congresso, do qual resulte aumento de despesa, quando para essa despesa se não haja criado a devida receita.

Lamento que as circunstâncias precárias em que o Tesouro se encontra não permitam que dê o meu voto approvativo ao projecto.

Vou mandar para a mesa a minha

Questão prévia

Proponho, como questão prévia, o adiamento da discussão do parecer n.º 226, até ser discutido e votado o Orçamento de 1913-1914, visto que da approvaçào do alludido parecer resulta

aumento de despesa e que o Orçamento a apresentar há-de seguramente encerrar-se com um avultadíssimo *deficit*; adiamento que deverá ter lugar também por estar pendente da discussão do Congresso a proposta de lei, de iniciativa ministerial, que autoriza o Governó a não dar execução a quaisquer projectos de lei ou leis de que resulte aumento de despesa, sem que nelas se crie a receita especial para lhes fazer face, proposta de lei que, se fór aprovada, impedirá a execução do projecto a que o parecer 226 se refere.—O Senador, *João de Freitas*.

Lida na mesa, foi admitida.

O orador não reviu.

O Sr. LADISLAU PIÇARRA:—Sr. Presidente: tive a honra de apresentar, na sessão legislativa, anterior a esta, o projecto de lei que está em discussão.

Quando apresentei este projecto, estava muito longe de supor que o Orçamento, para o futuro ano económico, acusaria um *deficit* de cerca de 8.000 mil contos de réis.

Ainda assim, quando apresentei esse projecto, tive o cuidado de lembrar que o subsídio, por mim proposto, para a Academia de Estudos Livres poderia sair da economia, que se realizasse, com a eliminação dalguns liceus da provincia.

Eu, que tenho constantemente pugnado pela conveniência do equilibrio orçamental, apesar da muita simpatia que me merecem as instituições de ensino, de iniciativa particular, não me sinto com coragem de impugnar a questão prévia apresentada pelo Sr. João José de Freitas (*Apoiados*).

A justiça, porém, do projecto em discussão, está nas próprias palavras proferidas pelo Sr. João José de Freitas, visto que S. Ex.^a fez o elogio da Academia de Estudos Livres.

Desde que a situação financeira é deplorável, e desde que está pendente da discussão uma proposta de iniciativa ministerial, que não permite qualquer despesa, sem que tenha receita correspondente, eu voto o adiamento proposto pelo Sr. João José de Freitas.

Visto que está presente o Sr. Ministro das Colónias, peço a S. Ex.^a que se digne transmitir ao seu colega do Interior o seguinte, e é que, estando no ánimo do Senado o desejo de que,

instituições de ensino, como a Academia de Estudos Livres, sejam subsidiadas pelo Estado, o mesmo Senado espera que se envidem todos os esforços a fim de que o Orçamento inclua qualquer verba destinada a esses subsídios, e quando sejam distribuídos esses subsídios, não seja esquecida a Academia de Estudos Livres, visto que todos reconhecem que esta Academia merece a protecção do Estado.

E, se o Governo não pode criar outra instituição de ensino, ao menos que consigne nos orçamentos futuros verbas destinadas a subsidiar instituições particulares, úteis e beneméritas, como a Academia de Estudos Livres.

Tenho dito.

O orador não reviu.

O Sr. MINISTRO DAS COLÓNIAS (Almeida Ribeiro):—Sr. Presidente: pedi a palavra simplesmente para dizer ao Sr. Senador Ladislau Piçarra que muito gostosamente transmitirei as suas considerações ao Sr. Ministro do Interior.

O Sr. MIRANDA DO VALE.—Sr. Presidente: as considerações que vou fazer sobre este assunto não são mais do que a repetição do que disse o Sr. Ladislau Piçarra.

Este projecto traz aumento de despesa, mas é para subsidiar uma instituição que tem prestado altos serviços à instrução popular.

Tenho defendido em toda a parte estas instituições particulares, que são superiores às instituições oficiais...

O Sr. LADISLAU PIÇARRA:—E mais económicas.

O ORADOR:—E mais úteis.

Está na comissão de finanças um projecto de lei que traz grande economia para o Estado, pois traz diminuição de despesa. Refiro-me ao desdobramento do Ministério do Interior, criando-se o Ministério da Instrução.

Desde o momento que há uma diferença para menos, poderia ser inscrita no Orçamento para subsidiar instituições desta natureza.

O orador não reviu.

O Sr. NUNES DA MATA:—Sr. Presidente: declaro, em nome da comissão de finanças, que aceito a questão prévia do Sr. João José de Freitas.

O Sr. PRESIDENTE:—Interrompo a sessão por meia hora, em vista de não haver número.

Eram 16 horas.

Às 16 horas e 30 minutos o Sr. Presidente declara reaberta a sessão e manda proceder à segunda chamada, à qual respondem 22 Srs. Senadores.

São os seguintes:

Abílio Baeta das Neves Barreto, Alfredo José Durão, Amaro de Azevedo Gomes, Anselmo Augusto da Costa Xavier, António Bernardino Roque, António Ladislau Piçarra, António Maria da Silva Barreto, António Xavier Correia Barreto, Artur Rovisco Garcia, Domingos Tasso de Figueiredo, Evaristo Luís das Neves Ferreira de Carvalho, Inácio Magalhães Basto, João José de Freitas, José de Cupertino Ribeiro Júnior, José Maria de Moura Barata Feio Terenas, José Miranda do Vale, José Nunes da Mata, Manuel Goulart de Medeiros, Manuel Martins Cardoso, Manuel Rodrigues da Silva, Ramiro Guedes e Tomás António da Guarda Cabreira.

O Sr. PRESIDENTE:—Estando verificado que não há número, marco a próxima sessão para amanhã.

Antes da ordem do dia, discutir-se-hão os pareceres n.º 254, 256, 257 e 258, e na ordem do dia, além da votação do n.º 223, os n.ºs 143, 164, 261 e 154-A.

Está levantada a sessão.

Eram 16 horas e 33 minutos.

(Na sessão seguinte foi votada a questão prévia apresentada pelo Sr. João José de Freitas, aliando-se a discussão do projecto).

República Portuguesa—Diário do Senado—1913-1914—Sessão n.º 22—Em 14 de Janeiro de 1914—Presidência do Ex.^{mo} Sr. Abílio Baeta das Neves Barreto. Secretários os Ex.^{mos} Srs. António Bernardino Roque e Bernardo Pais de Almeida

.....

O Sr. MINISTRO DE INSTRUÇÃO (Sousa Júnior):—Sr. Presidente: pedi a palavra para dizer que estando dado para ordem do dia o parecer n.º 226, da iniciativa do Sr. Ladislau Piçarra, e tendo de me retirar para a outra Câmara por motivo duma interpeação, desde já declaro que o poder executivo concorda com o respectivo projecto, que diz respeito à Academia de Estudos Livres, assim como também concorda em que se lhe adicione um artigo autorizando o Ministro a fornecer à biblioteca daquela Academia os volumes que possam ser dispensados.

O Sr. PRESIDENTE:—Vai entrar-se na ordem do dia.

.....

ORDEM DO DIA

.....

O Sr. PRESIDENTE:—Vai ler-se o parecer n.º 226, que diz respeito ao projecto de lei n.º 150-C.

Leu-se na mesa e é do teor seguinte:

(O parecer n.º 226 da comissão de instrução e da comissão de finanças do Senado, foi publicado neste relatório a paginas n.ºs 303 e 304.

.....

Projecto de lei n.º 150-C

A Academia de Estudos Livres, associação de instrução existente em Lisboa desde o ano de 1889, tem prestado ao país relevantes serviços.

Fundada por dois rapazes, então estudantes do Instituto Industrial e Comercial, Srs. Francisco Bartolomeu Rodrigues e Miguel Seixas, constituía-se desde logo como autêntica Universidade Popular, numa época em que não tinham ainda aparecido em França instituições desta natureza.

Logo no início dos seus trabalhos a Academia de Estudos Livres realizou excursões e visitas de estudo, que ficaram assinaladas. Assim, digressões geológicas com Paul Choffat, arqueológicas com Leite de Vasconcelos, naturalistas com Alberto Girard, constituíram a primeira fase activa da vida externa da Academia. Depois, ininterruptamente, esta associação começou a visita de todos os monumentos do país, à Batalha, Tomar, Coimbra, Alcobça, Santarém, Évora, Mafra, os Jerónimos, Madre-Deus, Bussaco, Queluz e Sintra, fazendo-se sempre acompanhar por distintos artistas e homens de letras.

Por esta forma todas as excursões se converteram em magníficas lições de arte, influenciando não só nas centenas de pessoas que nelas tomaram parte, como nas que delas tiveram conhecimento por artigos de jornais e revistas e até por monografias, como as que a Academia publicou sobre Santarém, Bussaco, Castelo de Palmela, Serra da Arrábida, o Tejo, Convento de Mafra, e sobre a Torre do Tombo. Este último trabalho, elaborado pelos ilustres funcionários do mesmo estabelecimento Srs. Drs. António Baião e Pedro de Azevedo, é hoje o mais seguro e completo guia do notável arquivo nacional. É uma obra de fôlego, que enriqueceu a importante colecção dos anais da Academia de Estudos Livres.

A par das visitas aos monumentos, museus e exposições de arte, a Academia tem ido a quasi todos os estabelecimentos fabris da cidade e seus arredores, percorrido importantes instalações agrícolas como a de Palha Blanco em Vila Franca de Xira, ministrando enfim aos seus aderentes e alunos uma soma enorme de conhecimentos, derivados destes verdadeiros inquéritos à vida industrial e agrícola do país.

Ultimamente, em 1910, a Academia de Estudos Livres alargou a sua esfera de acção e transportou-se até Paris, onde, durante um largo período, visitou os monumentos e museus, estabelecimentos de ensino e instalações municipais da grande capital. Na opinião unânime da imprensa foi esta uma das mais notáveis excursões

portuguesas que se tem realizado àquella cidade, honrando a nossa Pátria pela forma como os excursionistas se apresentaram nas visitas e procuravam informar-se de tudo quanto viam. Neste ano prepara-se a Academia para visitar Madrid, e no ano próximo projecta ir talvez à Italia, numa grande excursão de estudo.

Todo este enérgico e persistente movimento teve condigna repercussão, sendo a iniciativa seguida nas escolas officiaes e particulares. Foi a Academia de Estudos Livres que abriu caminho ao novo processo de educação baseado nas visitas de estudo.

⁴ Mas não é notavel só neste campo a benemérita sociedade.

Também logo no principio da sua existência realizou conferencias de elevado alcance pedagógico, iniciadas pelo Sr. Dr. Bernardino Machado com as suas lições de pedagogia. De registrar é igualmente o aparecimento dum grupo de médicos e escritores, de que faziam parte Câmara Pestana, o saúdoso mártir da sciência, José de Magalhães, Henrique Schindler, Reis Santos, Silva Teles, Silva Carvalho, Ladislau Piçarra e Afonso Vargas, que na Academia abriram cursos livres populares de bacteriologia, de psico-fisiologia, de sociologia, de antropologia, de história das religiões, etc. É ainda digna de citar-se a série de lições públicas de agricultura realizadas pelos illustres professores Srs. Cincinato da Costa e Sertório Monte Pereira, a série de notáveis conferencias sobre hygiene professadas pelo Dr. Miguel Bombarda e um grupo de médicos, as conferencias do Visconde de Ouguela, de Adolfo Coelho, de Crispiniano da Fonseca, de José Augusto Coelho, de Teófilo Braga, de quem a Academia publicou nos seus anais três estudos notáveis sobre Cervantes, Espinosa e o Padre Joaquim Silvestre Serrão e a música religiosa portuguesa.

Últimamente o professor Sr. Agostinho Fortes realizou um curso livre de História Pátria, durante três anos, e tão importante foi que constituiu um dos mais justos títulos para que este illustre publicista fôsse nomeado lente da faculdade de letras da Universidade de Lisboa, como consta do respectivo decreto de 5 de Janeiro de 1911.

Devem mencionar-se ainda, como dos mais úteis trabalhos últimamente realizados pela Academia; o curso popular de química pelo professor e sábio analista Sr. Dr. Cardoso Pereira; o

curso popular de explicações dos *Lusiadas*, pelo escritor e professor do Liceu de Camões Sr. Barbosa Bettencourt; as lições populares sobre astronomia, física e zoologia, realizadas na Escola Politécnica pelos ilustres lentes Srs. Pedro José da Cunha, Almeida Lima, Dr. Baltasar Osório e Inocêncio Camacho.

Esta brilhante folha de serviços bastaria para justificar a intervenção do Estado, declarando benemérita e de utilidade pública a Academia de Estudos Livres, se outros factos não houvesse ainda a citar.

Nos países que vão na vanguarda da civilização, as universidades populares limitam a sua propagação a excursões e visitas de estudo, a cursos livres, a conferências e a festas educativas. Em Portugal, porém, o problema da educação das classes populares é mais grave, dada a ignorância das mesmas classes. O povo precisa de cursos nocturnos, onde se resgate do deplorável analfabetismo e adquira conhecimentos, que não pode obter nas escolas oficiais e lhe são necessários na vida prática. É sabido que o Estado pouco tem feito neste campo, que quasi deixou livre à iniciativa particular. A Academia de Estudos Livres atendeu àquelas necessidades e abriu, logo que começou trabalhando, aulas nocturnas de instrução primária, linguas, desenho, matemática, taquigrafia, música, etc. Estes cursos são concorridísimos, sendo a média anual das inscrições de alunos superior a 300, podendo, portanto, computar-se em mais de 6.000 as pessoas que se tem aproveitado deste benemérito serviço.

Para manter uma escola com tal frequência o Estado teria despendido avultadíssima quantia. À Academia de Estudos Livres bastou a dedicação obscura mas admirável dos seus dirigentes, que há 23 anos consomem a vida neste extraordinário sacerdócio, e os magros tostões dos seus subscritores.

Éstes milagres fazem-se à custa dum trabalho insano, que o país desconhece na maior parte das vezes—trabalho de formigas entesourando para a Pátria as riquezas inaproveitadas.

Para coroar a sua obra, a Academia de Estudos Livres tomou sobre si, há alguns anos, uma associação de beneficência e instrução denominada Escola Marquês de Pombal, convertendo-a numa só secção, onde presentemente ministra ensino, em aulas diurnas, a 450 crianças de ambos os sexos, na maioria pobres. O corpo

docente desta escola é composto de cinco professoras diplomadas, um professor de música e outro de gymnástica sueca. Tem inspecção médica, exercida obsequiosamente pelo Sr. Dr. Francisco Morais Manchego. A escola obedece aos mais avançados princípios pedagógicos e foi sempre neutra em matéria religiosa. Nela se acha também estabelecida uma cantina.

Em Outubro último a Escola foi aumentada com uma aula maternal, para crianças dos 4 aos 7 anos, sob a direcção duma das mais notáveis professoras da especialidade. Frequentam-na perto de 40 criancinhas.

O simples relato destes factos basta para atestar a enormidade do sacrificio material que a Academia de Estudos Livres tem de fazer para conservar a escola. É verdade que ela tem subscritores próprios, mas esses não concorrem com o que baste para mantê-la. Os relatórios da Academia accusam que a receita própria não vai além de 240\$000 réis annuaes, e a despesa excederá este ano a 800\$000 réis.

Levada pelo impulso da sua generosa dedicação pelo bem público, a Academia de Estudos Livres foi talvez além do que podiam as suas forças. Mas não a culpemos nós, que destas sublimes loucuras há-de derivar algum progresso para a nossa terra. E depois, não vale tal somatório de energia dezenas de contos de réis? Estas considerações justificam satisfatoriamente, segundo nos parece, o seguinte projecto de lei, que tenho a honra de submeter à vossa apreciação:

Artigo 1.º À Academia de Estudos Livres—Universidade Popular—fundada em Lisboa em 1889, legalmente constituída, com estatutos aprovados por alvará do Governo Civil de Lisboa, de 40 de Setembro de 1889 e 24 de Março de 1904 (reforma), é concedido o subsídio annual de 1:500\$000 réis, pagos em duodécimos.

§ único. O inspector da circunscrição respectiva visitará a Academia e elaborará, a seu respeito, relatórios, que serão enviados ao Ministério competente.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Lisboa, em 7 de Maio de 1912.—O Senador, *Ludislaw Piçarra*.

O Sr. LADESLAU PIÇARRA:—Sr. Presidente: coube-me a honra de ter apresentado este projecto, que se vai discutir.

Antes de me referir ao projecto, permita-me V. Ex.^a e o Senado que eu apresente, em meu nome e em nome do Sr. Rodrigues da Silva, affectuosos cumprimentos ao nosso illustre colega Sr. Eusébio Leão, que há pouco retomou o seu lugar nesta casa.

Estou convencido de que S. Ex.^a continuará a honrar a tribuna parlamentar com o mesmo brilho que manifestou antes de partir para a Itália.

O Sr. EUSÉBIO LEÃO:—Peço a palavra para antes de se encerrar a sessão.

O ORADOR (*continuando*):—Agora, Sr. Presidente, vou chamar a atenção do Senado para o projecto que acaba de ser pôsto em discussão.

O projecto destina-se a conceder um subsidio à Academia de Estudos Livres. Este projecto foi trazido à tela do debate em uma das sessões do ano passado, na ocasião em que de todos os lados da Câmara se reclamava o equilibrio orçamental.

Eu também era um dos que pugnavam por esse almejado equilibrio.

O Sr. João de Freitas, se bem me recordo, pediu que esse projecto fôsse retirado da discussão, não só porque implicava aumento de despesa, mas porque ia de encontro à lei-travão.

Eu, Sr. Presidente, apesar de ser o apresentante do projecto, concordei immediatamente com o alvitre apresentado, porque de forma nenhuma queria concorrer para o agravamento das despesas do Tesouro, e, ao contrário, me esforçava para que se conseguisse o equilibrio orçamental.

O Senado concordou com a proposta apresentada pelo Sr. João de Freitas, e o projecto foi retirado da discussão.

Hoje, Sr. Presidente, que as circunstâncias são diversas das de então, visto que não só o orçamento está equilibrado, mas que ainda há *superavit*, entendo que o Senado pratica um acto de justiça acedendo à pretensão da Academia de Estudos Livres.

Não me cansarei em justificar o projecto, visto que essa justificação se encontra no desenvolvido relatório que o precede, o qual, da outra vez, aqui foi por mim resumido.

Por isso, limito-me a dizer que o Senado, aprovando-o, pratica um acto de inteira justiça a favor dum estabelecimento que tantos serviços tem prestado à causa da instrução.

Tenho dito.

O Sr. SOUSA DA CAMARA:—Sr. Presidente: este projecto está nas mesmas condições do anterior. Eu não tenho a mínima dúvida em lhe dar o meu voto approvativo, mas se o Governo não pertilha o projecto, inútil é que o aproveemos.

O Senado sabe perfeitamente que a lei travão dá ao Governo o direito de não promulgar leis que impliquem aumento de despesas.

Precisamos, por isso, de saber qual é a opinião do Governo a respeito d'este projecto, isto é, se o aceita ou não.

Eu bem sei que aprovando a lei-travão se tomou uma resolução bem dolorosa para o Parlamento, mas é uma lei, e, como tal, terá de cumprir-se.

Nós podemos aprovar um projecto que traga aumento de despesa, mas o Governo, se assim o entender, não lhe dará seguimento.

Não temos a iniciativa em matéria de despesas. Nós não temos essa faculdade.

Parece-me, pois, que é necessário ouvir a opinião do Governo. Quanto propriamente ao projecto, acho-o justo e dou-lhe o meu voto.

O orador não reviu.

O Sr. LADISLAU PIÇARRA:—Pedi a palavra para dar uma rápida explicação ao Sr. Sousa da Câmara.

S. Ex.^a não tem razão nas observações que fez, pois ou S. Ex.^a não estava presente ou não ouviu bem o que daquelas cadeiras (*indicando as do Governo*) o Sr. Ministro de Instrução declarou, há pouco, em nome do Governo; que estava inteiramente de acôrdo com o projecto. Por conseguinte deixa de ter razão a dúvida do Sr. Sousa da Câmara e o projecto pode ser aprovado.

O Sr. SOUSA DA CAMARA: — Agradeço a explicação do Sr. Ladislau Piçarra, e desde o momento que o Governo está de acôrdo com o projecto cessam as minhas dúvidas.

O Sr. LADISLAU PIÇARRA: — Mando para a mesa um artigo adicional.

Foi lido.

«Proponho que ao artigo 1.º do projecto de lei n.º 150-C se acrescente o seguinte:

Artigo 2.º Fica o Governo autorizado a fornecer à Academia de Estudos Livres as publicações que o Ministério de Instrução Pública lhe possa dispensar. — O Senador, *Ladislau Piçarra.*»

Foi admitido.

O Sr. PEDRO MARTINS: — Eu sou contrário a concederem-se autorizações ao Governo, de maneira que entendo que, no artigo proposto pelo Sr. Piçarra, devemos substituir a palavra «autorizar» por «fornecer».

Fica assim expressa a vontade do Senado, e ao mesmo tempo afirmamos um princípio. Com autorizações tem o Governo saltado por cima da Constituição.

Mando para a mesa uma proposta de emenda.

Foi lida:

Emenda

O Governo fornecerá... (o resto como no artigo proposto pelo Sr. Piçarra). — *Pedro Martins.*

Esta proposta de emenda foi admitida.

O Sr. LADISLAU PIÇARRA: — Declaro aceitar a emenda que o Sr. Pedro Martins apresentou.

Em seguida foi aprovado o projecto com o artigo adicional apresentado pelo Sr. Senador Ladislau Piçarra e com a emenda que o Sr. Senador Pedro Martins propôs ao mesmo artigo.

República Portuguesa—Sumario das sessões da Câmara dos Deputados—134.ª sessão ordinária—1913-1914 (nocturna)—Em 28 de Junho de 1914—Presidência do Ex.^{mo} Sr. Vitor Hugo de Azavedo Coutinho—Secretários os Ex.^{mos} Srs. Baltasar de Almeida Teixeira e Rodrigo Fernandes Fontinha

.....

O Sr. BALTASAR TEIXEIRA—Requer que seja discutida nesta altura uma proposta da iniciativa do Senado concedendo um subsídio à Academia de Estudos Livres. É o parecer n.º 264.

Foi concedido, sendo em seguida aprovada essa proposta e as que haviam sido apresentadas pelos srs. Emídio Mendes, Tomás da Fonseca e Luís Derouet, com o aditamento do Sr. Afonso Costa; bem como a lei orçamental salvas as emendas votadas.

Ministério de Instrução Pública—Secretaria Geral—Lei n.º 232

Em nome da Nação, o Congresso da República decreta, e eu promulgo, a lei seguinte:

Artigo 1.º À Academia de Estudos Livres, Universidade Popular, fundada em Lisboa, em 1889, legalmente constituída, com estatutos aprevados por alvará do Governo Civil de Lisboa, de 10 de Setembro de 1889 e 24 de Março de 1904 (reforma), é concedido o subsídio anual de 1:500\$, pagos em duodécimos.

§ unico. O inspector da circunscrição respectiva visitará a Academia e elaborará a seu respeito, relatórios que serão enviados ao Ministério competente.

Art. 2.º O Governo fornecerá à Academia de Estudos Livres as publicações que o Ministério da Instrução lhe possa dispensar.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrário.

O Presidente do Ministério e Ministro do Interior, e os Ministros das Finanças e da Instrução Pública a façam imprimir,

publicar e cerrar. Dada nos Paços do Govêrno da República e publicada em 6 de julho de 1914.

(aa) Manuel de Arriaga—Bernardine Machado—Antônio dos Santos Lucas—José de Mates Sobral Cid.

(Publicada no «Diário de Govêrno», 1.ª série, n.º 110, de segunda feira, 6 de julho de 1914).

Excursão a Paris em Setembro de 1913

(RELATORIO)

Convidado pela Academia de Estudos Livres a tomar a direcção artistica da excursão á cidade de Paris, projectada para o mês de setembro de 1913, vi previamente a conveniencia de orientar os futuros excursionistas com o descritivo acompanhado de um mapa que esbocei e de muitas projecções luminosas da capital da França, para melhor me desempenhar de tão honroso mas difficil encargo. Nesse propósito realizei duas palestras, uma em maio e outra em junho, ambas muito concorridas, organizando ainda, a convite tambem da referida associação, um programa das visitas a efectuar em Paris. Da fórma como este se cumpriu e o sinatorio se desempenhou do seu encargo fala sucintamente este relatorio.

Foi na tarde do dia 31 de agosto do citado ano que partimos de Lisboa, da *gare* do Rocio, e foi a 2 de setembro que, pelas 14 horas, todos os excursionistas, num total de setenta e duas pessoas, entre as quais dez senhoras, desembarcaram em Paris, na estação do Quai d'Orsay.

Dedicada essa tarde ás acomodações pessoais nos hotéis da rua Geoffroi Marie, que o sr. Pessoa d'Amorim previamente contractara, só no dia immediato, 3 de setembro, se deu começo ás visitas constantes do mencionado programa, que foi, com ligeiras alterações, pontualmente cumprido.

Assim, dirigimo-nos primeiramente ao Museu do Louvre. No pateo de honra do grandioso e altamente artistico palacio que immortalizou Pedro Lescot e os seus continuadores, justo orgulho da architectura franceza da Renascença, fizemos o nosso primeiro descritivo verbal daquela maravilha da Arte, percorrendo-se

depois as colecções de pintura italiana, franceza, espanhola e flamenga, instaladas nos vastos salões do primeiro andar, e visitando-se ainda o famigerado salão Carré, o salão Apolo, onde se admiraram as joias da corôa de França, valiosas peças de ourivesaria e de tecidos Gobelins, e a vasta colecção de cerâmica chamada etrusca, mas proveniente da Grecia, no seu periodo aureo.

Pela tarde desse dia fez-se o passeio de orientação atravez dos *boulevards*, avenidas e praças da formosa cidade, indo a excursão em dois grandes carros puxados a cinco cavalos, com os cocheiros trajando o uniforme da posta romana. Nessa occasião, em face de varios monumentos como o Hôtel de Ville, Notre Dame, Arco do Triunfo entre outros, dissêmos algumas palavras acêrca das suas características históricas e estéticas.

No dia 4 realizou-se a digressão que a Université Populaire de Paris gentilmente ofereceu á Academia de Estudos Livres, pondo para isso á disposição dos excursionistas o vapor *Lutèce*, denominado tambem *Chateau-florent*, que empavezado com as bandeiras portugueza e franceza os levou até S. Germain-en-Laye. Na alegre e entusiastica companhia dos promotores do passeio, dirigido por mr. Vitta, fomos Sena abaixo admirando as suas pitorescas margens, lindos aspectos de Paris, até chegarmos a Le-Pecq, onde, subindo num elevador, visitámos o magnifico parque delineado por Le Notre e a esplanada do palacio, da qual se desfruta um maravilhoso panorama sobre os campos e arredores de Paris. Do famoso museu instalado no antigo palacio de Luis XIII só vimos, por falta de tempo, o exterior.

Tanto na ida como no regresso, entre as refeições tambem oferecidas pela Université Populaire, os hinos nacionais e cantos francezes, estes dirigidos por mr. Xavier Privas, chamado *le roi des chansonniers*, tiveram um belo acolhimento, causando entusiasmo entre os francezes dos dois sexos a nossa dansa popular o *vivá*, dansada por duas damas e dois cavalheiros portuguezes com acompanhamento de côro.

Depois do desembarque á noite em Paris a maior parte dos excursionistas assistiu, na sêde da Université Populaire, rua Faubourg de Saint Antoine, 457, a uma interessante e aplaudida conferencia sobre *os traços do espiritismo*, pelo professor mr. Dixon.

No dia 5 subiram todos os excursionistas á Torre Eiffel, admirando do alto daquella maravilha da engenharia o deslumbrante panorama de Paris. Fez-se depois a visita aos famosos *ateliers* Gobelins, assistindo-se ao paciente fabrico dos artisticos panos, em altos lisos, na manufactura dalguns dos quaes se gastam anos, como na dos tapetes Savonôrie, tambem preciosos. A proposito, no pateo da fabrica, entre as estatuas do ministro Colbert e do pintor Le Brun, o director artistico fez notar quanto aquelles grandes vultos da época de Luis XIV contribuíram para o estabelecimento e progresso daquella fabrica, a mais famosa do mundo na sua especialidade. Para os percursos nestas e nas seguintes visitas a excursão foi sempre conduzida nos referidos dois carros de turistas.

Aproveitámos a visita ás arênas romanas de Lutecia, no dia 6, para, ante as sugestivas ruinas, fazermos um descritivo dos divertimentos usados pela civilisação galo-romana. Indo á igreja de Saint Etienne du Mont, belo trecho da architectura de transição gótico-renascença, os excursionistas apreciaram a arrendada *jubé* que servia para separar o clero do elemento civil e o tumulo de Santa Geneveva, uma preciosidade da arte decorativa. No Pantheon, antiga igreja de Santa Geneveva e obra prima de Sullot, percorreu-se a cripta, onde jazem os grandes homens da França, sendo muito admirados os soberbos quadros das vidas de Santa Geneveva e de Joana d'Arc, devidos aos grandes pintores Puvis de Chavannes e Lenepveu. Causou tambem sensação a grande *maquette* da Convenção Nacional, do escultor Injalbert, erecta ao centro da principal capella do famoso templo.

Pela tarde visitou-se no Luxembourg o seu admiravel Museu recheado de obras primas da moderna pintura e escultura franceza e depois de percorrido o seu famoso parque fez-se a volta emocionante da Grande Roda, de cem metros de diâmetro, em cabines suspensas, tendo-se novamente o deslumbramento do panorama parisiense visto á *vol d'oiseau*; por ultimo foi visitado o interessantissimo Museu Guimet, dedicado ás religiões e artes orientais, onde foi rapidamente vista a enorme profusão de kakémonos, idolos, bronzes e porcelanas da India, Indo-China, China e Japão. A' noite muitos excursionistas, accitando o amavel convite da Université Populaire, assistiram, na sua sêde, á

representação de varias comédias desempenhadas por alguns dos socios, sendo por ultimo obsequiados com um serviço de chá, que a todos muito penhorou.

Foi consagrado todo o dia 7, primeiro domingo do mês, á visita ao palacio e jardins de Versailles, partindo todos de manhã da gare de S. Lazare, com tempo de chuva. Depois de reconfortante almoço num restaurante da localidade, devido ao cuidado do incansavel director da Academia sr. Bernardino Cardoso, reunidos todos no Pateo de Honra, antigo *Cour Royale*, ante a estatua equestre de Luis XIV e dos grandes homens do seu tempo, expozemos em rapidas palavras a fórma por que de um terreno pantanoso, onde existia um retiro de caça do rei Luis XIII, o seu herdeiro emprehendera a maravilhosa transformação naquella paço, assombro do mundo civilisado pela sua grandesa e riquésa decorativa, para o que fora necessario enorme dispendio de talentos e de riquezas. Fomos recebidos no vestibulo do palacio pelo seu superintendente, que foi gentil nas boas vindas que deu á excursão portuguesa, pondo ao seu dispôr um guarda para a guiar atravez do dedalo de salas e galerias. Rápidamente visitámos a Galeria das Batalhas, organisaada no tempo do rei Luis Filipe, os aposentos de Luis XIV, da rainha e principes, a preciosa Galeria dos Espelhos, tudo um assombro de belésa decorativa, e o teatro onde Molière representou as suas imortais comédias ante a córte do rei Sol, hoje servindo para reuniões do Senado. Visto o imponente exterior do palacio do lado dos jardins e alguns dos artisticos lagos, dos Suissos, de Latona, de Apolo, foi percorrido o Tapis Vert a pé e o Grande Canal em canoas a gazolina, visitandose depois a instalação dos coches reais, o grande e o pequeno Trianon e a graciosa aldeia (*hamcau*) de Maria Antonieta. Assistimos ainda, entre enorme multidão, ao assombroso espectáculo das grandes aguas, projectadas nos grandes e artisticos tanques, como no de Neptuno, por desênas de altos repuxos, que funcionaram durante hora e meia, a todos nós deixando surpreendidos e maravilhados.

O dia 8 dedicaram-o os excursionistas a descanso, fazendo-se no dia 9 a segunda visita ao Museu do Louvre. Percorreu-se a parte dedicada ás esculturas egipcia, assiria, grega, romana, medieval e renascença, encantando a todos os colossos das

civilisações desaparecidas e os primores da Grecia e Roma antigas, presídidos pelo marmore da summa beleza feminina, a Venus de Milo. A tarde foram vistas as collecções accumuladas no Museu de Historia Natural, onde teem especial destaque as gigantescas ossadas de animais anti-diluvianos, montadas com extraordinaria sciencia, depois do que seguimos todos para a Sorbonne, a Universidade de Paris. Foi o seu secretario quem dirigiu os visitantes, com a maior amabilidade mostrando-lhes e explicando o destino das muitas salas e anfiteatros, em que se realizam lições e doutoramentos, na maioria magnificamente decoradas com pinturas de Chavannes, Henri Martin e outros insignes e modernos artistas franceses. Vistos por fim o templo e o túmulo do cardeal Richelieu, o fundador da Sorbonne, maravilhoso marmore de Coisevox, tinha terminado a curiosa visita, assinando nós com os directores da Academia, como já fôra feito noutros estabelecimentos, o livro de visitantes em nome de todos os excursionistas. Com a estada no lindo parque de Monceaux e na sua artistica Naumáchia, simulando ruínas de uma columnada, que se reflectem no lago destinado a corridas de barquinhos, pôs-se termo ás instrutivas visitas do dia.

Foram os excursionistas no dia 40 á clássica igreja da Madalena e ao Jardim Zoológico, belamente instalado ao norte do Bosque de Bolonha, muito abundante de exemplares e com uma enorme e magnifica estufa de plantas tropicais, percorrendo depois o famoso bosque, predilecto passeio dos parisienses, em que predomina o grande lago com a sua verdejante e pitoresca ilha de arvoredo frondoso, que se reflecte no espelho das suas tranquilas aguas, apenas sulcadas por pequenos barcos e cisnes. Admirou-se ainda, no Museu do Trocadero, alem da soberba vista sobre os jardins, Torre Eiffel, rio Sena e longinquos monumentos, a riquissima collecção de escultura comparada, unica no mundo, em que se reuniram os mais famosos trêchos architectónicos e ornamentais dos palacios e cathedrais da França. Nessa manhã a excursão deixou bilhetes de visita na legação para o Ex.^{mo} Sr. João Chagas, illustre ministro de Portugal.

Pela tarde foi visitado o Conservatorio de Artes e Officios, num antigo convento na rua de S. Dinis, recheado de milhares de pequenos e acabadissimos modelos, dos mais diversos objectos

industriais, alem da collecção de originaes invenções, como o pendulo, o vapor, o aeroplano, etc., etc., depois do que se subiu a Montmartre, a grande colina de Paris, da qual se observa toda a cidade. Ali viram os excursionistas a imponente basilica do Sacré-Cœur, ainda por finalizar internamente; a estatua do martirisado La Barre, erigida pelos livres pensadores, e o lindo jardim de S. Pedro, com muitas senhoras, creanças e domesticados pardais, encantador costume parisiense.

Na manhã do dia 11 foi visitado o magnifico e pitoresco jardim das Buttes de Chaumont, cheio de aspectos paisagistas, e em seguida o extenso cemiterio do Père Lachaise, a necrópole de Paris mais antiga, onde foram vistos alguns dos principais moimentos esculturais, como o dos Mortos, do escultor Bartholomé, e o exterior do grande forno crematorio. No regresso admirou-se, ao centro do lago da Praça da Nação, o belo monumento *Triunfo da Republica*, do escultor Dalou. Nos Invalidos, onde se esteve à tarde, viu-se a igreja, o Museu de Armaria e o *Dôme*, admirando-se na cripta o soberbo tumulo do imperador Napoleão I e em a nave o de seu irmão José Bonaparte. Em seguida, no Petit Palais, visitaram-se as magnificas obras de arte da escultura e pintura modernas, adquiridas pelo conselho municipal de Paris nos varios Salões anuais.

A primeira parte do dia 12 consagraram-a os excursionistas a compras, aproveitando a tarde para um passeio pelo Sena até Sévres e Saint Cloud. Por concessão muito especial á Academia de Estudos Livres, percorreu-se na celebre fabrica de porcelanas de Sévres, alem do seu esplendido museu, em que estão reunidas centenas de exemplares de fina louça de todos os paises, o seu *atelier* de delicada escultura e pintura para ornamentação da porcelana, podendo ser observada a técnica da sua fabricação. No parque de Saint Cloud foi muito apreciada pelos excursionistas uma grande feira que ao tempo funcionava ali.

O dia 13 foi tambem aproveitado em varias visitas. Na Notre Dame de Paris admiraram todos a grandiosa archi-nave, os seus vitrais e o tesouro, constituido pelos riquissimos objectos do culto, observando depois a Santa Capela, fundada por S. Luis, a mais deslumbrante maravilha da arte gótica, obra prima de Pedro de Montreuil; parte do Palacio da Justiça, a admiravel fonte de

S. Miguel com o seu soberbo grupo de bronze, e á tarde o Hotel de Ville, fazendo nós, enquanto se esperou no vestibulo, um descriptivo histórico daquelle monumental palacio, delineado por Boccadór, de que percorremos os deslumbrantes salões, com preciosas pinturas e ornamentações dos melhores artistas modernos, admirando os visitantes a pintura do *Himno da Terra ao Sol*, feita num dos tectos com extraordinario relevo. E terminou o dia examinando-se, no Museu Carnavalet, as antiguidades históricas de Paris, curiosissimas recordações do periodo da Revolução Francesa, em que se destacam os retratos das suas principais personagens, e percorrendo-se a pé, como determinava o programa, algumas das curiosas ruas do Marais, desde a igreja de Saint Méry, como as de Brise Miche, de Simon de France e de Venise, das mais antigas e estreitas de Paris.

No dia 14, ultimo da excursão á grande cidade, visitou-se o Museu Victor Hugo, situado na Praça dos Vosges, tão caracteristica no seu estilo Luis XIII. Este museu, que muitos e magnificos desenhos inspirados na obra do genial poeta enriquecem, alem da exposiçào de toda a sua obra literaria belamente encadernada, mostra aos curiosos que subam até o terceiro andar o aposento de Victor Hugo na disposiçào em que este o deixou quando morreu. E com um segundo percurso no Bosque de Bolonha e o espectáculo recreativo de duas corridas, uma de cavalos em Longchamps e outra pedestre, em que correram duzentos andarilhos aproximadamente, terminou o magnifico passeio que a Academia de Estudos Livres promoveu a Paris.

Neste rapido relatório acrescentamos que varios monumentos da grande cidade, como os da Republica, de Vendôme, de Gambetta, de Victor Hugo, a columna de Julbo, o Palais Royal, a Bolsa, o Teatro da Opera, a Escola de Belas Artes e Saint Germain l'Auxerrois, entre outros, foram observados em transitó, não se visitando os esgotos de Paris por motivo de obras municipais para sua conservaçào.

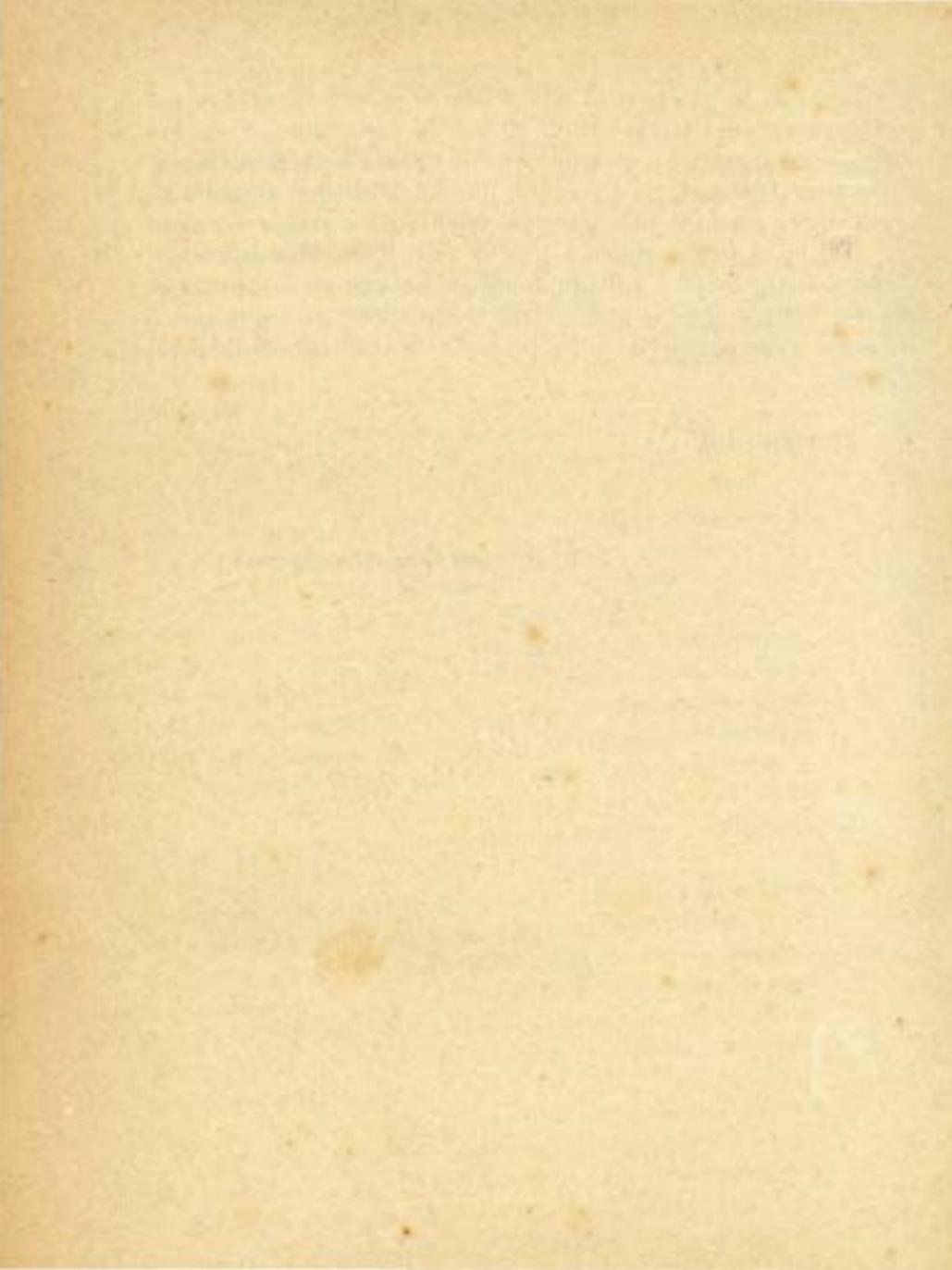
Muitos dos excursionistas seguiram ainda para a Belgica e Inglaterra, outros, no regresso, pararam em Bayonna e Biarritz, onde permaneceram o dia 15 e parte do de 16, trazendo as melhores recordações daquelas lindas e opulentas povoações do sul da França, país que a todos deixou encantados.

No dia 17 regressaram os excursionistas a Lisboa, satisfeitos, porque nada no seu passeio os entristeceu áparte o cuidado com a doença que em Paris assaltou o sr. Valente e que, durando quatro dias, parecia grave, e o desaparecimento na estação de Bordeus, na volta para Portugal, do sr. Lopes, que foi felizmente encontrado em Biarritz, tendo-se procurado providenciar em ambos os casos.

Tal foi, a traços largos, o que de mais importante houve na excursão que tivemos a honra de dirigir na sua feição artistica e de que ficámos com as mais gratas recordações, pelo que renovamos o nosso agradecimento á Direcção da Academia de Estudos Livres.

Fevereiro 1915.

JOÃO RIBEIRO CRISTINO DA SILVA.



ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

EXAMES NAS ESCOLAS OFICIAIS NO ANO LECTIVO DE 1913-1914

Instrução primaria 1.º grau

(SALAS NOTURNAS)

José Mendes de Sousa ...	Optimo
Artur Ferreira	"
Joaquim Dinis	"
Carlos Cesar Rodrigues ..	"
Julio Dias Neves	Bem
Margarida Madeira Nunes	"
José Francisco Gonçalves ..	"
Francisco Nunes Zibreira ..	"
Eladio Campanella	"
Ernesto Fernandes	"
Manuel Domingues Dias ..	"
Antonio Pina	"
Alfredo Henriques Calado	"
David de Sousa Nunes ...	"
António Pereira	"
João de Almeida	Aprovado
Luís Proença Leitão	"
Manuel dos Santos	"
Francisco Teixeira	"
José dos Santos Felicissimo	"

Instrução primaria 1.º grau

(ESCOLA MARQUES DE FOMBAI)

Frederico da Encarnação ..	Optimo
José de Oliveira Lourenço	"
Alvaro Martins	"
Joaquim Lourenço Almeida	"
Arnaldo dos Santos	"
Vicente Sanz	"
Ana Angelica Rana	Aprovado
Laurinda A. Milharadas ..	"
Ernesto de Oliveira	"
Armando Mário de Almeida	"
Julio dos Santos	"

Instrução primaria 2.º grau

(SALAS NOTURNAS)

Manuel Rodrigues Alves ..	Optimo
Maria Roxinda S. Carvalho	Aprovado
Cesaltina de Carvalho	"
José Albino Constantino ..	"
Manuel Martins de Moura ..	"
Joaquim Dinis	"
Francisco Nunes Zibreira ..	"
José Marques Reis	"
Francisco Jorge	"
Augusto de Sousa Medeiros	"
Eladio Campanella	"
Euclio da Costa Mélo	"

Ernesto Fernandes	Aprovado
Carlos Cesar Rodrigues	"
Manuel Domingues Dias ..	"
Alfredo Henriques Calado	"
Artur Ferreira	"
José Francisco Gonçalves ..	"
Joaquim Galopin	"
Manuel dos Santos	"
David de Sousa Nunes ...	"
Antonio Pina	"
José Mendes de Sousa	"

Instrução primaria 2.º grau

(ESCOLA MARQUES DE FOMBAI)

Maria José de Sousa	Optimo
Luís Maria Gomes Pereira	"
Ilda Marques	Aprovado
Elixa Nobrega Quilata ..	"
Bernardino Savaiva	"
Alberto J. Sheppard Cruz	"
Carlos Perestrelo	"
Carlos Seabra	"
Virgílio Ferreira	"
Raul Domingues Alves	"
João José da Costa	"

Radimentos de musica

Carlos Vilarinho Cambeiro	Aprovado
Maria do Ceo G. Pires Foz	"
Alda Rosa Patrio Raposo	"
Irene Vilarinho Cambeiro	"
Maria Irene Martins	"
Celeste Conceição Martins	"

Piano

Julietta Almeida Nogueira	Aprovada
Maria Cândida G. Botelho	"

Harmonia

Alice da Conceição Pinto ..	Aprovada
-----------------------------	----------

Admissão à Escola Normal

Ana Nunes	Aprovada
Ilda Adelaide Correia	"
Laura Lessilde de Almeida	"
Laura Baptista da Silva ..	"
Alda Antunes Simões	"
Sára Nunes Balsa	"
Fortunata de Araujo	"

rhavo.

rhavovqA

rhavovqA

rhavovqA

rhavovqA

rhavovqA

rhavovqA

rhavovqA

rhavovqA